

ÓRGÃO CENTRAL  
DO  
PARTIDO COMUNISTA  
PORTUGUÊS

Director  
António Dias Lourenço

# Avante!

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Ano 49 — Série VII — N.º 295  
13 de Setembro de 1979

Preço: 10\$00

SEMANÁRIO

Propriedade do Partido Comunista Português

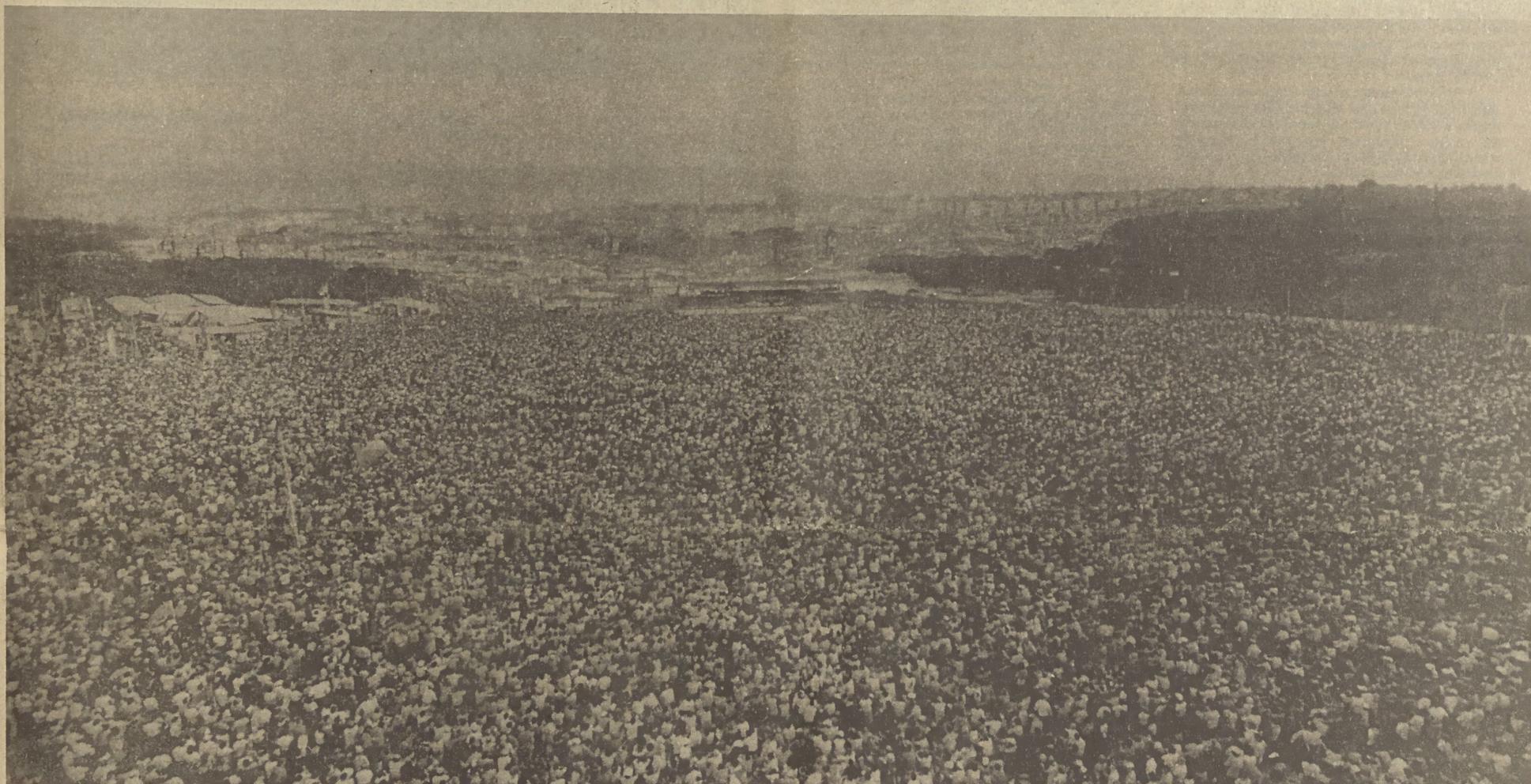
Dir./Red. — R. Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 25 — Telex 18390

Composição e Impressão — Heska Portuguesa

Distribuição — CDL, R. Pedro Nunes, — 1000 Lisboa

# UMA FESTA SEM IGUAL

Uma multidão que alguns calculam em perto do milhão de pessoas participou nos últimos dias 7, 8 e 9 na Festa do «Avante!». Arte e espectáculo, cultura e trabalho, alegria e fraternidade, confiança e esclarecimento político — de tudo isto e muito mais se fez a Festa. Uma Festa sem igual, da qual as páginas que lhe dedicamos apenas dão uma pálida imagem.



Aspecto impressionante da assistência (apenas parte!) no comício de domingo — o maior jamais realizado no nosso país. No restante recinto da Festa (repare-se na multidão atrás do palco onde estava instalada a tribuna) muitos milhares de pessoas contentaram-se em ouvir os discursos de Álvaro Cunhal e Dias Lourenço através da instalação sonora

**A Festa do «Avante!» é uma nova demonstração dos objectivos e da prática política do nosso Partido, da sua contribuição construtiva para a solução dos problemas nacionais, da sua vida democrática e do seu estilo de trabalho colectivo, da sua indissolúvel ligação com a classe operária e as massas populares, da sua luta firme e consequente ao serviço do povo e da pátria, com cujos interesses está inteiramente identificado.**

**A Festa do «Avante!» é por si um testemunho de que a política do PCP é animada por um elevado ideal de fraternidade humana.**

**Assim como nesta Festa unimos muitas centenas de milhar de pessoas num mesmo sentimento de amizade, respeito mútuo, solidariedade e interajuda, assim nos propomos unir o Povo português na obra de construção do novo Portugal democrático.**

*(Do discurso de Álvaro Cunhal no comício de domingo)*



Um dos factores que mais contribuiu para o êxito da Festa foi a diversidade de actividades e iniciativas, e o seu sentido profundamente popular e democrático — desde uma arte de alto nível acessível às grandes massas, até ao desporto, direito do povo

Editorial

## UM ACONTECIMENTO MEMORÁVEL

Editorial

# UM ACONTECIMENTO MEMORÁVEL

A força e a natureza política de um grande acontecimento popular e nacional podem ser verificados através de dois barómetros essenciais – um, a grandeza da sua expressão de massas; o outro o carácter superior dos seus objectivos.

A Festa do «Avante!» 79 que movimentou para o Alto da Ajuda durante os três últimos dias da passada semana números que andam perto do milhão de portugueses, pôde assumir essa categoria de grande acontecimento popular e nacional porque pôs à prova – e provou – a extraordinária capacidade organizadora e mobilizadora do PCP, porque revelou de maneira flagrante a profunda inserção dos comunistas portugueses na problemática actual do seu País e na vida e nas aspirações mais sentidas do seu povo e ainda porque, ao mesmo tempo, permitiu aferir da solidez dos laços e dos sentimentos internacionalistas que nos ligam ao que há de mais representativo de todos os povos do mundo.

A Festa do «Avante!» foi uma portentosa manifestação de confiança no 25 de Abril, nos destinos da Revolução Portuguesa, uma significativa consagração das conquistas fundamentais alcançadas com o «Movimento dos Capitães».

A Reforma Agrária não teve lá apenas muitos dos seus obreiros, lá teve também a vigorosa expressão dos seus êxitos económicos e sociais, da vontade inabalável dos trabalhadores do Alentejo e do Ribatejo de defenderem a mais bela conquista da Revolução.

A atenção dada às empresas do sector público e nacionalizado e em autogestão, a determinação na defesa do controlo de gestão e dos direitos, liberdades e garantias do povo trabalhador, impregnaram cada «stand» regional, cada exposição do esforço criador dos comunistas na defesa do património de Abril.

A confiança expressa em cada canto da Festa, da «Cidade da Juventude» à «Cidade dos Ploneiros», das representações regionais do Minho ao Algarve, de Lisboa à Madeira e aos Açores, é um verdadeiro hino à Revolução de Abril.

Que tudo isso tenha podido transmitir-se em termos de trabalho, cultura e arte nas suas formas mais expressivas é por si só um índice revelador da criatividade dos comunistas, da sua assimilação criadora de tudo o que de melhor vem das nossas tradições populares e progressistas, da nossa herança histórica nacional.

Já aqui dissemos que a Festa do «Avante!» 79, na linha das suas edições anteriores, iria representar um contributo de tomo para a valorização e enriquecimento do património

cultural do povo português, do seu carácter universalista.

A Festa foi tudo isso e ainda uma reafirmação impressiva de uma nova forma de convívio popular e democrático que ficou vinculada para sempre na memória de quantos a visitaram.



Os nossos artistas, escritores, músicos, cantores, puderam sentir ao vivo a alegria única de ver a sua arte, o seu trabalho as melhores florações do seu espírito criador, penetrar nas massas populares frutificar nelas.

Pela primeira vez muitos milhares de portugueses dos lugares mais recônditos do país puderam admirar um quadro, ou um mural, tomar contacto com as formas mais elevadas da arte, verificar que um velho Instrumento musical ou uma simples ferramenta de trabalho podem dizer muito da formação e da índole do seu povo. E que uma canção pode significar esperança e confiança.

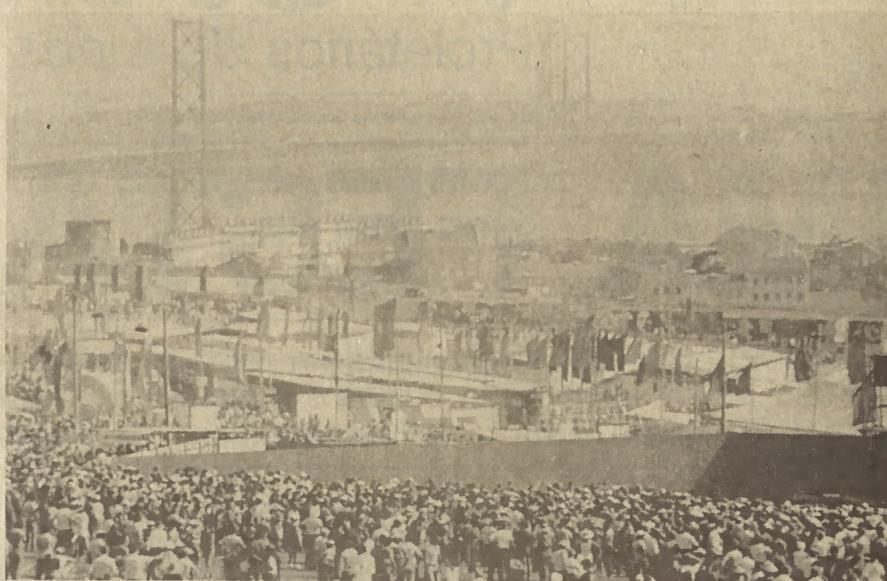
Por outro lado a Festa do «Avante!» foi fraternidade na sua expressão mais pura. Os olhos riam nos olhos, o orgulho lia-se na cara de cada um – o que ali estava era um pouco de cada um, dessa grande massa colectiva que quer construir um País melhor, mais livre, mais belo, mais digno e que há-de construí-lo quer o queiram quer não as forças retrógradas do passado que se reincarnam em figurões do presente.

A realização do Alto da Ajuda foi uma grande vitória popular contra aqueles que querem atirar de novo o nosso País para as fronteiras da Idade Média, que querem jungir uma vez mais o nosso Povo aos interesses mesquinhos de monopolistas e latifundiários, do imperialismo fustor de guerras, das forças inimigas do Portugal livre, independente e democrático renascido com o 25 de Abril.



A Festa do «Avante!» 79 teve de vencer a barreira da estupidéz, do sectarismo e da cegueira política das forças reacçãoárias instaladas em órgãos de poder.

Alavancas do Estado, sob a direcção do governo fascizante Mota Pinto/PPD/CDS, foram manipuladas para nos impedir a utilização do Jamar; cavalheiros e cavalheiras do PPD e do CDS tentaram obstruir serviços, na sua imprensa reacçãoária vociferaram contra a Festa do «Avante!» como se a utilização de locais públicos



e de meios públicos não fossem um direito democrático inalienável que a Constituição consagra.

Esses quase um milhão de portugueses que foram até ao Alto da Ajuda, muitos dos quais não são comunistas nem perfilham os postulados dos comunistas, deram com a sua presença e a sua conduta disciplinada, alegre, comunicativa e humana a resposta adequada e mais concludente às forças da reacção.

Os partidos da Aliança Reacçãoária – o PPD e o CDS (o PPM não pode perder muito senão desaparece...) perderam no Alto da Ajuda mais forças de apoio, as suas utópicas pretensões a «nova maioria» tornaram-se ainda mais utopia e fumo que as próximas eleições vão confirmar.

As furiosas diatribes da direita reacçãoária a propósito da evocação de Camões na Festa do «Avante!» seriam de um ridículo extremo se não fossem algo mais do que isso: negar ao povo – ao povo que esteve ali no Alto da Ajuda e não nos gabinetes do PPD e do CDS ou nos seus arrajais de trazer por casa – o direito de venerar o seu poeta nacional, aquele que soube no seu tempo, com singular inteligência e visão, discernir o papel, a contribuição e os sofrimentos do povo na epopeia histórica dos descobrimentos, é nem mais nem menos do que negar aos melhores herdeiros da cultura nacional – os trabalhadores

e o seu Partido – o direito ao património histórico do seu povo.

Os Sá Carneiro, os Freitas do Amaral, os PPMs & C.º são, sim, os herdeiros directos do poder autocrático dos que na época perseguiram e condenaram à miséria o maior vate nacional.



Os construtores da «cidade» do Alto da Ajuda, comunistas e muitos não comunistas, deram uma prova magnífica do seu valor, do valor da nobre causa que defendem. Isso está na base de tudo.

Como disse Álvaro Cunhal naquele memorável comício de mais de trezentas mil pessoas «saudando os que aqui, no Alto da Ajuda, entregaram e entregam à Festa o seu trabalho, a sua imaginação, o seu talento, é todo o nosso imenso colectivo do Partido que saudamos porque todo o Partido esteve empenhado nesta realização sem par e só com tal empenhamento a Festa foi possível.»

A Festa do «Avante!» 79 foi um mostruário vivo do perfil humano, moral e político dos comunistas. Cada camarada – homem, mulher, jovem – que a pôs de pé foram a imagem do seu Partido, do Partido da verdade, da esperança, da confiança e do futuro.

## A Festa e o medo – quem o teve e o mostrou

A direita precisa de tranquilizar os seus eventuais eleitores. Para que a desorientação (e até o histerismo) não venham a agravar-se daqui por diante nas hostes reacçãoárias, os jornais da direita, da extrema-direita, fascistas e fascizantes, houveram por bem escolher a Festa do «Avante!» para iludirem e mistificarem ainda mais a sua clientela.

Para além das trapaças habituais e doutros «remédios» preparados com a mentira, o obscurantismo e a confusão, esses jornais e folhas equiparadas andaram durante uns dias a adormecer os seus leitores com uma velha cantiga de embalar que ainda faz sono aos fascistas e os afasta por momentos das realidades que lhes são adversas.

Os jornais da direita querem proteger os seus leitores com o sono anticomunista. Mas é remédio baldado. O anticomunismo não conquista adeptos. Vê-se é aflito para conservar os que tem. As teias de aranha vão caindo, mesmo no sócio anticomunista de obscurantismo e da ignorância de que o fascismo fez tanto uso e de que quer perpetuar a semente.

«A reacção e os seus profissionais da desinformação sabem que mentem, mas continuam a mentir porque essa é a única arma de que dispõem para esconder a sua fraqueza e a sua falta de iniciativa», lembrava a SIP do PCP numa nota emitida no primeiro dia da Festa, ao denunciar e condenar

a campanha de falsidade e calúnias «sobre a Festa do «Avante!» que constituem, em si mesmas, um implacável retrato político e moral dos seus autores».

A Festa não foi afectada por essa campanha. Era grande demais para ouvir tão pequeno latido. As centenas de milhares de pessoas que percorreram durante três dias a Festa do «Avante!» não sentiram ninguém a ladrar-lhe às pernas. A direita limitou-se a ladrar cá fora. E mesmo cá fora ladrrou em casa.

Mas não podem passar sem reparo e informação as tentativas para esconder, com algum do lixo que enporcalha a direita, uma realização dos comunistas que, vista e apreciada por centenas de milhares de pessoas, demonstrou,

como salienta a SIP do PCP, grande «elevação política, artística e moral, o humanismo, a capacidade de realização, as raízes populares e nacionais» da Festa do «Avante!».

Como lembra a nota do PCP, «o que a reacção não perdoa nem suporta é que num matagal e num terreno degradado os comunistas e os seus amigos tenham, pela força dos braços, da inteligência e do bom gosto, conseguido erguer uma cidade da cultura, da arte e do convívio fraterno e democrático onde brilham e se afirmam os ideais de Abril e a determinação dos trabalhadores e dos democratas portugueses».

O órgão oficial do PPD aconselhava os reacçãoários

a irem espreitar aquilo a que chamava «as mutilações» do Parque de Monsanto. Se não foram, deviam ter ido. Se a honestidade não os abandonou de todo, veriam como é desonesto esse órgão do PPD quando enreda essa e outras calúnias na teia do anticomunismo.

Nos trabalhos de implantação da Festa «não só não foi derrubada uma única árvore como foram feitos estudos rigorosos e adoptadas soluções técnicas adequadas às características geológicas do terreno e à integral preservação do património florestal integrado no recinto».

Assim procederam os comunistas, conforme a nota que citámos. Assim procedeu quem foi à Festa. Assim procedeu o «Avante!» ao recomendar

cuidadosamente e por mais de uma vez o máximo cuidado e atenção para a defesa do património nacional constituído pelo Parque de Monsanto.

Mas à reacção pouco importa esse património. Sabe-se como o tem delapidado. O que lhe importa (e o que fez sem um grama de êxito) é a tentativa de denegrir as grandes realizações populares dos comunistas, que são o espelho do lugar saliente que ocupam por direito próprio na vida democrática do País. O que à direita importa (mas não concretiza) é denegrir, ainda que suja pelo silêncio, como também tentou, a exaltante manifestação de apoio de massas que foi a Festa do «Avante!» aos ideais vivos e bem despertados da democracia, da liberdade e do socialismo.

## Reunião do Comité Central

No dia 6 de Setembro realizou-se uma reunião do Comité Central do Partido Comunista Português.

alguns problemas políticos e técnicos relativos aos próximos actos eleitorais para os órgãos do poder local e para a Assembleia da República.

O Comité Central examinou

## Resultados do sorteio da EP

Tal como fora anunciado, realizou-se durante a própria Festa o terceiro e último sorteio das EP's. Os que não tenham estado presentes nesse momento podem agora verificar se os números dos seus cupões correspondem a algum dos brindes aqui publicados:

- 1.º – Viagem à URSS, para 2 pessoas, durante os Jogos Olímpicos ..... 157501
- 2.º – Um televisor ..... 022204
- 3.º – Uma fritadeira ..... 169248
- 4.º – Uma batedeira ..... 169187
- 5.º – Um grelhador eléctrico ..... 125986
- 6.º – Um ferro de engomar com vapor ..... 179764
- 7.º – Uma balança de casa de banho ..... 071338
- 8.º – Uma mesa de campismo ..... 155792
- 9.º – Três discos LP ..... 109779
- 10.º – Dois discos LP ..... 007544
- 11.º – Uma assinatura anual do jornal «Avante!» ..... 006301
- 12.º – Uma assinatura anual do jornal «Avante!» ..... 110528
- 13.º – Uma assinatura anual do jornal «Avante!» ..... 006487
- 14.º – Uma assinatura anual do jornal «Avante!» ..... 188901
- 15.º – Uma assinatura anual do jornal «Avante!» ..... 068052
- 16.º – Uma assinatura anual da revista «o militante» ..... 131845
- 17.º – Uma assinatura anual da revista «o militante» ..... 161518
- 18.º – Uma assinatura anual da revista «o militante» ..... 183053
- 19.º – Uma assinatura anual da revista «o militante» ..... 092227
- 20.º – Uma assinatura anual da revista «o militante» ..... 150102
- 21.º – Uma assinatura anual da revista Poder Local ..... 194080
- 22.º – Uma assinatura anual da revista Poder Local ..... 150102
- 23.º – Uma assinatura anual da revista Poder Local ..... 150107
- 24.º – Uma assinatura anual da revista Poder Local ..... 131323
- 25.º – Uma assinatura anual da revista Poder Local ..... 109330.

VISITE O STAND

DO **Avante!** na FEIRA POPULAR de Lisboa

LIVROS • DISCOS • ARTESANATO • MEDALHAS • SELOS • BUGIGANGAS • JOGOS INFANTIS •

SALDOS PERMANENTES



Proletários de todos os países: UNI-VOS!

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soares Pereira Gomes - 1699-Lisboa CODEX, Tel. 786345.

ADMINISTRAÇÃO: Editorial Avante, SARL, Av. Santos Dumont, 57-3.º Dt.º - 1000 Lisboa, Tel. 789747/78751.

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soares Pereira Gomes - 1699 Lisboa-CODEX, Tel. 789725/789722.

DISTRIBUIÇÃO: CDL, Central Distribuidora Livreira, SARL, Serviços Centrais, Av. Santos Dumont, 57-2.º Dt.º - 1000 Lisboa, Tel. 779628/779825.

Centro Distribuidor de Lisboa: Av. Santos Dumont, 57-C/V - 1000 Lisboa, Tel. 769705. (Abrange os distritos de Lisboa, Santarém e Setúbal).

Casa de Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 - 1200 Lisboa, Tel. 372238.

Centro Distribuidor do Norte: R. Miguel Bombarda, 578 - 4000 Porto, Tel. 28938.

Casa de Venda: R. do Almada, 18-2.º Esq. - 4000 Porto, Tel. 310441.

Centro Distribuidor do Centro: Rua 1.º de Maio 186, Pedruiha - 3000 Coimbra, Tel. 31286.

Centro Distribuidor do Alentejo: Alarcova de Baixo, 13 - 7000 Évora, Tel. 26361.

Centro Distribuidor do Algarve: Rua 1.º de Dezembro, 23 - 8000 Faro, Tel. 24417.

ASSINATURAS: Av. Santos Dumont, 57-2.º Esq. - 1000 Lisboa, Tel. 779628.

PUBLICIDADE CENTRAL: Av. Santos Dumont, 63-A - 1000 Lisboa, Tel. 776936/776750, Porto - Rua do Almada, 18-2.º Esq. - 4000 Porto, Tel. 310441.

EXPEDIÇÃO: R. João de Deus, 24 - Venda Nova - 2700 Amadora, Tel. 900044.

Composto e impresso na Heeka Portuguesa R. Elias Garcia, 27 - Venda Nova - 2700 Amadora.

Tiragem média do mês de Agosto: 64 300



A VENDA

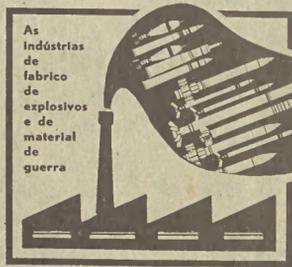
economia

questões económicas e sociais

EC 22

Preço: 30\$00

POLÍTICA ADUANEIRA E CEE



- POLÍTICA ADUANEIRA E CEE
- AS INDÚSTRIAS DE FABRICO DE EXPLOSIVOS E DE MATERIAL DE GUERRA

CDL a distribuição



# A Festa honrou a palavra dos comunistas

As palavras sobre a Festa e dentro dela eram como as cerejas. Estimulavam o apetite. As exclamações inevitáveis, as expressões muito ouvidas, porque não podem variar diante do encantamento, da alegria e do regozijo de uma multidão daquelas, eram palavras justas, adequadas. Reabilitavam, por assim dizer, o lugar comum. Não tinham dele o trazo a coisa postiça, chata, sem volume. Saíam do peito. Soavam a coisa genuína, sentida e profunda. Tão repetidas, porque o entusiasmo assim o exigia, essas palavras estavam ali de pleno direito em sua casa. Tinham o som autêntico da confiança fortalecida em cada rosto, em cada coração.

As palavras, porque são com elas que aqui lidamos, eram simples e directas. Mas eram profundos os sentimentos que exprimiam. O jornalista, com umas horas livres para passear simplesmente pela Festa, reconhece que não pode descobrir fruto novo para além dessas palavras que se encadeavam como cerejas, repetidas neste pavilhão, naquele auditório, durante os espectáculos, nas ruas e praças daquela cidade de 3 dias.

Cidade de 3 dias, sim, mas não efêmera — não corpo que nasce e morre em prazo tão curto. A Festa diz «até logo». Não diz «até para o ano». Ela não é apenas o resultado expresso num fim-de-semana de sol. A Festa é todo o Partido. É a sua organização, a sua capacidade de trabalho, a sua funda implantação entre o povo.

Tudo isso e muito mais foi dito e redito nessas palavras encadeadas como cerejas nesses três dias que mostraram o resultado grandioso de tanto trabalho, de tanta cansaça recompensada.

A própria repetição das palavras de entusiasmo assinala bem o carácter de massas que a Festa solicita e alcança totalmente.

Não eram confidências o que ali se ouvia. Mesmo as iniciativas culturais e artísticas que, à primeira vista, menos carácter de massas poderiam ter, ganharam na Festa uma audiência onde a explicação circulava como vento fundo, onde o esclarecimento crescia, anunciando o acesso à cultura, o tempo futuro.

O «saio qualitativo» da Festa deste ano é uma expressão rigorosa. Não deve nada à iniciativa muito boa, mas confidencial, dirigida a um pequeno grupo de eleitos e conhecedores. É uma qualidade melhor que chega às massas trabalhadoras.

Mas as palavras não contemplavam só o que a Festa tem de qualidade, de representatividade, de sangue novo e de confiança serena no futuro do Partido, do povo trabalhador e do País. Há que contar ainda com a solidariedade, o internacionalismo, o convívio fraterno, o civismo nunca perturbado entre centenas de milhares de pessoas conscientes de participar em obra comum feita para todos e a todos aberta.

Aí como no resto, todas as palavras ganhavam o seu peso. Tinham por detrás a atitude concreta, o seu suporte político, o empenho colectivo. Ninguém que lá fosse poderia deixar de sentir em todo o lado, despertos e actuantes, os princípios e a prática que orientam e fecundam a vida do Partido Comunista Português.

Daí o valor das palavras, da palavra honrada pela Festa.

Da palavra cumprida pelos comunistas.



Um visitante por momentos solitário, mas não sozinho. Com ele estava a Festa. Confraternizavam centenas de milhares de companheiros e companheiras que paravam, por vezes como ele, num ponto mais alto para ver a Festa toda, o seu fluir constante, o seu pulsar. As características do recinto proporcionavam destes momentos de repouso e contemplação no meio de um mar de gente que nada queria perder de uma Festa inimitável.

## Sábado e domingo: jornada de trabalho no Alto da Ajuda!

As vozes das centenas de milhares de pessoas que, durante os três dias, passaram pela Festa, transformaram-se numa só ao reconhecerem e ao dizerem em unísono que esta era a melhor e a mais bonita de todas as Festas até agora realizadas. É verdade. E também é verdade que ela nasceu do gigantesco e criador trabalho colectivo dos militantes e simpatizantes comunistas.

Trabalho colectivo que vai continuar. No próximo fim-de-semana, o Alto da Ajuda vai ainda conhecer a fraternidade e o colectivismo das jornadas de trabalho dos comunistas. Sábado e domingo o trabalho espera-nos no Alto da Ajuda; há que desmontar as estruturas que erguemos para a Festa, limpar o terreno, desarmar e guardar os painéis, arrumar a casa que foi exemplarmente nossa durante três dias de festa e muitos outros de trabalho.

Foi o trabalho que transformou, durante milhares de horas voluntárias, o Alto da Ajuda naquela fraterna e humana cidade em que vivemos durante três dias; é o trabalho que, no próximo fim-de-semana, vai deixar o Alto da Ajuda limpo. No terreno não restarão os vestígios da Festa, porque estes percorrem já o País e ultrapassam mesmo as fronteiras.



O símbolo da Festa, logo à entrada, erguia-se a acolher os que entravam e era a imagem de uma recordação para os que saíam. Centenas de milhares de pessoas por ali passaram, na maior Festa de sempre.

## Ajudas para a Festa

A realização da Festa do «Avante!» não se ficou a dever, apenas, ao trabalho intenso e dedicado dos camaradas e amigos que cuidaram para que a gigantesca iniciativa fosse levada a bom termo.

Com efeito, como recordou o camarada Dias Lourenço no comício de domingo, sem a compreensão da Câmara Municipal de Lisboa, nomeadamente do seu presidente e maioria dos vereadores, manifestada na cedência do Alto da Ajuda e outras facilidades concedidas, a realização da Festa não teria sido porventura possível. De igual modo, importa realçar a colaboração prestada pelo Comando Distrital de Lisboa da PSP e Brigada de Trânsito da GNR, que com a sua acção

permitiram resolver complicados problemas de trânsito, segurança, estacionamento de veículos e circulação nas vias de acesso ao Alto da Ajuda.

Aos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique e Linda-a-Pastora, incassáveis na assistência prestada, também uma palavra de caloroso agradecimento.

«Primeiro vocês, amigos»...

Pela sua própria natureza, os Bombeiros Voluntários suscitam a admiração e reconhecimento da população em geral.

Isso sentiu-se, também, na Festa do «Avante!».

Como já vem sendo hábito, o acesso aos bares e restaurantes da Festa é o que se usa dizer «um bico de obra».

Este ano, chegava-se a estar uma e duas horas para conseguir comprar a senha para a refeição.

No restaurante da Amadora assistimos no entanto a um episódio, que certamente se repetiu um pouco por todo o lado.

A «bicha» para o almoço, no domingo, já lá grande quando chegou um grupo de Bombeiros, também eles desejosos de comer qualquer coisa. Espontaneamente, visitantes que aguardavam a sua vez fizeram-nos passar à frente, entregando-lhes de imediato os tabuleiros para transporte da comida, talheres, guardanapos, copos.

E sob o sol escaldante das 14 horas, uma frase soou fresca na boca de todos: «primeiro vocês, amigos»...

## O que o PPD não pode comprar

No palco da zona das Beiras actuou, entre outros, um grupo folclórico do Baixo Mondego.

Este grupo de «Eixo», que colheu merecidos aplausos da vasta assistência que os viu actuar, tem uma «história» que merece ser contada.

Convidada a participar, já há tempo numa festa organizada pelos comunistas de Coimbra,

no Buçaco, o grupo concordou em estar presente.

Qual não é o espanto do ensaiador do grupo ao ser procurado pelo cacique-mor local, do PPD, que lhe oferecia nada mais nada menos que 80 contos... para que não participassem na festa dos comunistas!!!

Indignado, o responsável do grupo de Eixo recusou, que

a sua palavra não se vende.

E não só participaram na festa do Buçaco, como foram ainda à Festa do «Avante!». Porque não? Como então diziam, não têm nada contra os comunistas...

O mesmo não se poderá dizer do PPD, ainda convencido que todos se vendem «por seis dinheiros», como eles...

## EXPOSIÇÕES • LITERATURA • COLÓQUIOS • TEATRO • CINEMA

### A capacidade criadora do povo e dos seus artistas

As actividades artísticas, culturais e desportivas conheceram, na edição deste ano da Festa do «Avante!», um salto qualitativo. Salto qualitativo que foi determinado não só pelas obras apresentadas e actividades desenvolvidas nos diversos domínios, mas também pelo maior número de pessoas que nelas participaram, seguindo interessadas a projecção dos filmes, observando atentamente as exposições, ouvindo e participando nos mais diversos colóquios, seguindo exibições desportivas, apreciando audições musicais, presenciando a representação de espectáculos de teatro, comentando este ou aquele pormenor dos belos murais que preenchiam os espaços livres da Festa, dando-lhe uma dimensão artística e interventiva de grau superior. Em cada local do Alto da Ajuda em que houve Festa houve simultaneamente arte e cultura, porque houve o pulsar vivo de um país novo virado para o futuro. Em cada «stand», em cada auditório, em cada palco da Festa do «Avante!» houve arte e cultura, porque a Festa do «Avante!» foi este ano ainda maior que nos anos anteriores e confirmou uma vez mais ser toda ela simultaneamente um «stand», um auditório e um palco da capacidade e da energia criadora do povo português.

Foram múltiplas as realizações do programa político-cultural da Festa por todos os lugares, organizações, regiões, sectores. Estas realizações assumiram particular importância na Zona Central da Festa, em que uma Exposição sobre o Partido possibilitou e forneceu dados para um mais estreito conhecimento de todos com a realidade do PCP, suas características e objectivos. Mais dados reais a acrescentar

aquele dado imediato e poderoso traduzido na própria realização de uma Festa da dimensão e da importância da 4.ª Festa do «Avante!».

A Exposição de Propaganda apresentou aspectos diversificados dessa actividade do PCP, num percurso que vem da clandestinidade, passando pela luz de Abril até ao presente, numa expressão viva de actividade política e de criatividade. Cartazes, folhetos, fotografias, jornais de parede, tarjetas, anúncios, uns assinados por artistas consagrados, outros criados por militantes anónimos, falando dos colóquios e das festas, do voto e das ilegalidades, da cultura e do desporto, da juventude e das mulheres.

Nos Auditórios 1, 2 e 3 realizaram-se Colóquios incidindo sobre uma grande diversidade de temas da actualidade política, orientados por dirigentes do Partido — lembre-se os que viveram a presença dos camaradas António Gervásio, Bianqui Teixeira, Carlos Brito, Carlos Costa, José Casanova, Octávio Pato, António Casmarinha, Luis de Sá, António Lopes, Alda Nogueira. Todos eles registaram intensa participação por parte daqueles que a eles assistiram.

Sublinhe-se ainda a riqueza de intervenções e a animada participação também em colóquios de outra natureza como os realizados sobre Saúde, Desporto, Quadros Técnicos. E isto para não falar nas muitas dezenas de colóquios realizados nos mais diferentes «stands», todos eles semeando no Alto da Ajuda análises da vida e da luta do nosso povo e propondo para eles soluções muito concretas.

Este ano atingiram ainda mais vulto, na Zona Central, as realizações de arte e cultura populares, ensaiadas na passada

edição da Festa.

Um primeiro, mas importante passo, foi dado com a efectivação de uma Exposição de Arte Popular, visitada entusiasticamente por gentes de todos os lugares do país, que se reconheciam nas fotografias e nos instrumentos de trabalho e se projectavam nas peças expostas, inspiradas no trabalho quotidiano da ceifa, da cava ou da vindima. Nesta exposição, vivida ao ritmo do trabalho e da arte, foi frequente ouvir homens sabedores das artes e dos ofícios indicarem aos mais pequenos, que os acompanhavam: «isto é da minha terra» ou «era assim que eu trabalhava». Expressão múltipla de trabalhadores — legítimos herdeiros de tudo o que de belo o nosso povo produziu na sua história.

Poetas populares participaram com a sua presença viva e os seus versos, os seus cantares e os seus dizeres sobre a vida, o trabalho, a luta, a situação política e também com «dólmãs», feitas especialmente para a Festa-79, em que colaboraram igualmente os Bombeiros de Lavacinhos, ranchos dos distritos de Lisboa, Algarve e Beiras e Gateiros de Coimbra.

A Bienal de Artes Plásticas e a mostra das obras de Vasco da Conceição e de António Domingues, foram visitadas, a estimativa de alguns observadores, por cerca de 100 mil

pessoas em todas as horas dos três dias de Festa. E tratou-se de visitas vivas e críticas, transformando o recinto de exposições num lugar de diálogo entre artistas e massas, bem diferente dos salões onde normalmente artistas expõem as suas obras mas as massas não têm acesso. Ali se tornaram frequentes as trocas de opinião, as interpretações diversas emitidas com simplicidade, se o empenhamento, num visível empenhamento de compreender a significação das obras de arte de 120 artistas plásticos representados, na maior e mais visitada

mostra plástica jamais realizada no nosso país.

Camões mereceu à Festa a atenção preparatória das grandes iniciativas que o PCP projecta tomar em mãos em 1980. Uma exposição bibliográfica e iconográfica, bem como um recital-colóquio — orientado por Oscar Lopes e Borges Coelho — tiveram lugar de destaque na Festa-79.

Com a sua actuação na Festa saíram dignificados alguns dos melhores instrumentistas portugueses, que levaram a auditores atentos música de



A actividade do PCP: dados para um conhecimento do Partido que realizou a mais fraterna e humana Festa do nosso país.

Mozart, Rossini, Boeck, música recebida com visível alegria numa fraternidade de entendimento e libertação.

Uma acção de «descentralização original» foi efectuada por alguns dos mais prestigiados grupos profissionais de teatro: o Adoção, o Grupo de Campolide, a Comuna, a Barraca e o Grupo 4 que apresentaram, respectivamente, sequências de números de revista, a peça infantil «O Pequeno Circulo de Giz», a peça infantil «Bão», cenas de «D. João VI» e cenas de «O Chá dos Generais».

O cinema marcou também a sua presença, com a exibição de filmes clássicos — onde não faltou o indispensável Charlot — e numa mostra da mais recente cinematografia de ficção dos países socialistas. Foram igualmente exibidos documentários produzidos e realizados pela SIP do PCP.

A poesia marcou encontro, vivo e fraterno, com a Festa deste ano. Desde um Programa de Poesia de Resistência (com Armando Caldas e Carlos Paredes) à Homenagem ao poeta Armindo Rodrigues (com a participação dos escritores José Saramago e José Carlos Gonzales), desde poemas e canções sobre a Mulher (com lo Apolloni) até ao acto de solidariedade com o Vietname socialista (com poemas ditos por Henriqueta Maya e Rogério Paulo

e uma canção de Barata Moura) — a poesia foi viva numa Festa da Vida.

Muitas destas iniciativas decorreram num circo, transformado em Grande Auditório, com um palco adaptado e utilização de meia pista. Seria aí, também, que se realizaram sessões dedicadas às crianças (com números de circo, teatro pelos actores do Campolide e apresentação de pioneiros artistas) e ao desporto (demonstração-competição de halterofilia, com a presença de atletas portuguesas e de campeões olímpicos búlgaros).

Registe-se como o desporto emerge desta festa para o seu legítimo lugar cultural, interpenetrando-se as suas actividades populares e de competição com outras manifestações culturais populares.

A Festa cresceu e mudou a cada momento. Assimilou, transmitiu, comunicou, recriou, transformou, respirou, viveu, cantou as mais diversas expressões e manifestações artísticas e culturais. A Festa de 1979 foi também arte e cultura de massas porque foi sobretudo a vida, a luta, a esperança e o futuro.



Camões, poeta do nosso povo e da nossa pátria, foi recordado na Festa-79.



Artes e Ofícios: a arte de quem trabalha durante uma vida de trabalho



O mural da Solidariedade Internacional foi sendo erguido ao ritmo dos três dias da Festa e na sua feitura colaboraram o pintor chileno José Balmes e a «Brigada Pablo Neruda»



A discussão e análise dos problemas reais e concretos do povo português ocupou também os espaços livres do Alto da Ajuda

# Semana

**5** Quarta-feira  
1829 - Morre Avelar Brotero, eminente botânico português, lente da Universidade de Coimbra; a sua principal obra, a «Flora Lusitânica», ainda hoje é de grande valor.

Em Maputo, durante uma reunião de duas horas na Feia Internacional desta cidade, o ministro moçambicano do Comércio Externo, Salomão Munguambe, defende o reforço das relações comerciais entre Portugal e a RP de Moçambique. São recebidas por uma representação governamental representantes dos Partidos e forças sociais. A Confederação Nacional de Agricultura (CNA) exige o início sem demora de negociações com as entidades responsáveis sobre o preço do vinho. Prossegue a greve dos carteiros no Porto depois de ter resultado infrutífera uma reunião entre o Secretariado do Sindicato das Telecomunicações e a Administração dos Correios. O porta-voz da delegação do CGTP-IN que foi recebida hoje por uma delegação governamental, declara à saída de S. Bento que a CGTP-IN rejeita os anunciados aumentos de preços, acrescentando que se o governo considera os aumentos inevitáveis, deve tomar medidas para lhes atenuar os efeitos.

**6** Quinta-feira  
1968 - O ditador Salazar cai de uma cadeira, acidente de que não recuperaria, vindo a falecer meses mais tarde.

Prosseguem as audiências de uma delegação governamental constituída pelo primeiro-ministro Maria de Lourdes Pintasilgo e o ministro das Finanças Sousa Franco com as forças políticas e sociais, destinadas a conhecer as respectivas posições sobre os anunciados aumentos de preços. O matutino «o diário» informa que a CAP, está a insistir aos agrários para prosseguirem, à margem da MAP, a ofensiva contra a Reforma Agrária, usurpando por sua iniciativa terras pertencentes às UCP's e Cooperativas Agrícolas, estando os agrários a receber uma circular da CAP onde se instiga ao acionamento de «todos os mecanismos que conduzam à concretização das entregas», caso o governo «não satisfaça» no prazo de 30 dias as suas pretensões de entregas de reservas despachadas pelo defunto governo de Mota Pinto. Reúne-se o Comité Central do Partido Comunista Português, para examinar alguns problemas políticos e técnicos relativos aos próximos actos eleitorais. Na sequência da denúncia do escândalo de corrupção existente na Câmara Municipal de Valpaços, três vereadores do PPD demitem-se dos seus cargos. Em conferência de imprensa o Sindicato dos Metalúrgicos informa que os trabalhadores da Cometna vão efectuar paralisações de cinco horas nos próximos dias 11, 12, 13 e 14, como forma de luta pela satisfação das exigências contidas no seu caderno reivindicativo.

**7** Sexta-feira  
1189 - D. Sancho II expulsa de Silves os Cruzados, após os desmandos por eles praticados junto das populações.

A agência «Associated Press» citando fontes da ONU informa em Nova Iorque que o primeiro-ministro português, Maria de Lourdes Pintasilgo, discursará na Assembleia Geral das Nações Unidas no próximo dia 1 de Outubro. É inaugurada simbolicamente pelo secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, a 4.ª Festa do «Avante!», no Alto da Ajuda. O Conselho de Ministros aprova duas resoluções sobre aumento de combustíveis e electricidade. O Ministério da Justiça anuncia a nova direcção da Polícia Judiciária, voltando para o cargo de director-geral o procurador-geral adjunto Lourenço Martins, demitido em Julho último pelo governo de Mota Pinto. O governo substitui gestores na RDP, RTP e Sécuro-Popular, nomeando interinamente novos elementos. Em conferência de imprensa a direcção do Sindicato Nacional dos Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações (SNTCT) informa que apresentou aos carteiros do Porto uma proposta de suspensão da sua luta, mantendo no entanto o pré-aviso de greve até à próxima quinta-feira. Termina o prazo para a entrega das listas concorrentes às eleições suplementares para a Assembleia de Freguesia de Santa Eufémia, provocadas pelos elementos do CDS e PPD; apresentaram listas concorrentes apenas a APU e a «Aliança Reaccionária».

**8** Sábado  
1973 - Primeira reunião do «Movimento dos Capitães»

É anunciado na imprensa que foi já detectado pelas autoridades uma fraude com selos fiscais que envolveria milhões de contos e se deve a circuitos financeiros e operacionais da extrema-direita portuguesa. É anunciado na imprensa que o último Conselho de Ministros revogou o decreto «motapintista» que condicionava o pagamento do 13.º mês e do salário de Dezembro à apresentação do documento comprovativo do preenchimento da declaração do imposto complementar.

**9** Domingo  
1935 - Revolta dos marinheiros, rapidamente sufocada pela PVDE (polícia política anterior à PIDE)

Álvaro Cunhal, no Comité de encerramento da IV Festa do «Avante!», no Casalinho da Ajuda, mostra-se confiante em grandes vitórias dos comunistas nos próximos actos eleitorais, sublinhando que o reforço do PCP e do seu grupo parlamentar não é apenas um objectivo dos comunistas mas também de todos que desejam o prosseguimento do Portugal de Abril. O chefe da delegação portuguesa à Conferência dos Países Não-Alinhados, Paulo Enes, declara à chegada a Lisboa que teve oportunidade em Havana de desfazer determinados equívocos junto do ministro dos NE moçambicano, Joaquim Chissano. Segundo a ANOP, o Ministério da Comunicação vai proceder a um inquérito junto dos trabalhadores de empresas do sector cuja actividade se encontra suspensa, destinando-se o inquérito a esclarecer as circunstâncias em que se encontram estes trabalhadores, a fim de tentar resolver a sua situação.

**10** Segunda-feira  
1974 - Portugal reconhece a Guiné-Bissau como Estado Independente.

Os Serviços de Gestão e Estruturação Fundiária do distrito de Évora, impõe a entrega de reservas e a efectivação de devoluções em UCP's de Montemor, Arraiolos e Moura, o que suscitou imediato e veemente protesto do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas e do Secretariado das UCP's-Cooperativas daquele distrito. As florestas da região Centro do país voltam a ser pasto das chamas, localizando-se o incêndio de maior intensidade em Almonda, no concelho de Lamego; outros fogos na Lousã e Serã, já extintos, são atribuídos a origem criminosas.

**11** Terça-feira  
1942 - Morre no campo de concentração do Tarratal Bento Gonçalves, o primeiro secretário-geral do PCP.

A Cometna paralisa, como forma de repúdio da grelha salarial proposta pela administração da empresa, a qual contraria o caderno reivindicativo apresentado pelos trabalhadores em Janeiro deste ano, tendo-se atingido uma adesão de 80% a esta forma de luta. O MAP continua a dar execução aos despachos do ex-governo de Mota Pinto, entregando diversas reservas nos distritos da Reforma Afrária. É dissolvida a Assembleia da República e é marcada para o próximo dia 2 de Dezembro, um Domingo, a realização das eleições intercalares para a Assembleia da República. É publicada no «Diário da República» a lei que cria o Município da Amadora. Num comunicado conjunto, a CGTP-IN e a CGT francesa condenam firmemente o conteúdo discriminatório e racista das recentes medidas do governo francês sobre emigração. O brigadeiro Figueiredo Valente é empossado no cargo de comandante da Zona Militar da Madeira.

# Impressões da Festa, ao vivo

Impressões da Festa? Nada como ouvir, no próprio local e não através do filtro das recordações, as palavras dos que lá estiveram. Aqui e ali, ao acaso dos encontros que a Festa proporcionou, o «Avante!» quis perguntar, simplesmente: «Que tal a Festa?»

## Melhor que o ano passado

Não é a primeira vez que venho à Festa do «Avante!» e devo mesmo dizer-te que é a 4.ª vez que cá venho! - respondeu-nos a Maria Antónia, 20 anos cheia de vivacidade, um olhar risonho no rosto bonito. Almoçava com familiares e amigos à sombra dos pinheiros e quando a nossa reportagem lhe sugeriu que manifestasse as suas impressões sobre a Festa, declarou com fluente espontaneidade, após ter informado que era do Couço e trabalhava numa UCP:

Olha, a primeira impressão que se colhe da Festa é que está mais bem organizada que a do ano passado, as coisas andam melhor; também se vê mais gente e em particular gente do Norte do país, pomenor a que tenho estado atenta e que se me tomou bastante evidente.

As «novidades» desta edição-79 da Festa do «Avante!» seriam abundantemente referidas por muitos dos nossos entrevistados; o novo local - o Casalinho da Ajuda - seria várias vezes considerado «o mais bonito de todos» e a organização e pontualidade dos espectáculos como um avanço visível em relação às Festas anteriores. As novas exposições, a melhoria das instalações do recinto (em particular as casas de banho) e a diversificação dos

pavilhões, seriam «novidades», de um e de outro modo, referidas e sublinhadas pelos entrevistados.

Francisco Vitorino, 28 anos de idade, empregado numa empresa de Lisboa e natural de Aljustrel, queixar-se-la do tempo que se perde nas «bichas» para os restaurantes, considerando que as estruturas da Festa continuam a não responder convenientemente às necessidades. As pessoas perdem um tempo imenso - sublinharia ele - tempo esse que poderia ser aproveitado muito mais utilmente que em casativas «bichas». Uma sugestão: por que não arranjam um sector à parte, só para restaurantes?

## Mais trabalho que no Jamor

A Festa? Olha camarada, eu sei que este ano tivemos muito mais trabalho do que no Jamor, mas a verdade é que está ainda mais bonita.

As palavras são da Maria, da UEC, que à pergunta sobre o que achava da Festa se quedou primeiro a olhar lá da «Cidade Internacional», como a querer dizer que a resposta estava ali, no que nos era dado ver.

Depois, com um sorriso maroto nos olhos claros, perguntou:

Não achas que devíamos agradecer ao governo Mota Pinto? Afinal, ficámos a ganhar...

## Parece um carrocel?

Quando demos por isso era noite e as luzes, acesas já há algum tempo, acabavam de iluminar de súbito a cidade do Alto da Ajuda.

O João Franco, vindo de algures nas Beiras, apreciava o efeito luminoso, com ar de quem regala a vista.

A sua impressão sobre a Festa foi dada como quem se desculpa com a ideia que lhe ocorreu: «É capaz de te rir, camarada, mas sabes o que me parece? Um gigantesco carrocel de luz e cor. Esquecido já da sua inicial timidez, explicou: Repara só, tomando a torre das bandeiras como centro, se não parece mesmo um carrocel, com a Internacional além, as Belras mais em baixo, subindo acolá até à DORL, curvando de novo pelo Alentejo, subindo à Juventude, outra vez a descer à Cidade do Livro e do Disco, e como sobe por Viana até à entrada...»

É lindo não é? Quando cá cheguei senti um orgulho tão grande. Que mais te posso dizer, amiga? Sinto-me forte, entendes?

Entendemos. E seguimos mais fortes também.

## Três dias é tão pouco!

A Festa é uma maravilha. Tenho andado num carrocel desde sexta-feira, a ver se consigo ver tudo. Acho que é a mais bonita de todas, mas já estou como o Carlos do Carmo que ainda agora disse que a melhor Festa é a do ano que vem.

Porque acredito que vai ser sempre melhor. Agora o que eu lamento é que sejam só três dias... Tanto trabalho e ao fim de três dias toca a desmontar tudo outra vez. É uma pena, não é? Eu sei, eu sei, que estes três dias já dão trabalho que sobra e que há mais coisas para fazer, mas pensa só como os que cá vêm podiam depois trazer outros, contando-lhes como isto é, as exposições, os espectáculos, eu sei lá... Agora adeus, que domingo está a acabar e eu ainda quero ver mais umas coisas...

É lá foi, despachada como falou, a Maria Manuela, de Tomar, a lamentar ainda para os seus botões - «só três dias!».

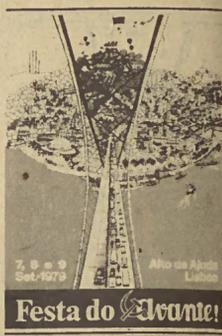
## Não sou militante, mas...

Não sou militante do PCP mas todos os anos estou aqui caído na Festa. Por isso posso dizer, com propriedade: a minha impressão é que fazem sempre melhor. A Festa cada ano aparece aos nossos olhos como uma coisa acabada mas no outro ano vê-se que afinal na Festa cabiam mais coisas. Eu dou um exemplo. No ano passado no Jamor, achei que tinha conseguido um nível de qualidade que seria muito difícil superarem. E afinal este ano a Festa surge ainda mais bonita. E isto através de pomenores pequenos. Estou a lembrar-me das estátuas que aparecem junto às organizações, estátuas representando trabalhos ou figuras características das

regiões. Por outro lado, considero que este ano conseguimos reunir aqui, em muitos stands, uma presença do artesanato e da cultura popular que raramente se encontra. No meio de tudo isto, há um senão: as enormes bichas para os restaurantes e os stands de comes-e-bebes. Estar duas horas e mais para jantar ou almoçar, não é nada agradável. Talvez através de self-services ou outro modo qualquer seja possível para o ano evitar estas bichas.

## Uma ajuda preciosa

Ao princípio perdi-me um pouco, sabe? No Jamor eu já me entendia, mas aqui, no primeiro dia fiquei um bocadinho confuso neste emaranhado, sem saber onde encontrar as regiões que mais me interessavam. É giro porque parece que nesta Festa percorremos todo o País. Ainda há pouco encontrei um amigo e ele disse-me: «Quero ir para Leiria e não sei qual o caminho». Uma coisa, posso eu já dizer: que a Festa, este ano, está ainda mais linda. De noite fica uma maravilha, as luzes distribuídas segundo os diversos planos do terreno. Parece uma cidade a sério. E já agora outra coisa: para nós, mães, gozarmos a sério a Festa, para tentarmos ver tudo, a Cidade dos Pioneiros é uma ajuda preciosa. Metemos lá as crianças e ficamos a descansar. O drama é depois para as fazer arrancar...



# Sorteios na Festa

Entre os muitos sorteios que escolheram a Festa do «Avante!» para se realizarem, de alguns chegou notícia à nossa redacção. Do Montijo, anunciam os camaradas que o sorteio fez caber ao número 353, o aqário anunciado na promoção que a Comissão Concelhia respectiva levou a efeito. No Pavilhão de Oeiras, o Sorteio realizado pela Célula da «Nacional Rádio», deu o seguinte resultado: 1.º Prémio (um aparelho de televisão) - 2720; 2.º Prémio (uma panela de pressão) - 5198; 3.º Prémio (um secador) - 6950. O feliz contemplado com a carroça saloia de Loures é o possuidor do número 99 705



A riqueza decorativa da Festa gerou este ano, e uma vez mais, imagens de rara beleza



# Cidade dos Pioneiros: A Festa das Crianças!

Se alguém falar a uma criança da Festa, ela dirá: «Cidade dos Pioneiros!». Isto porque as crianças, a Festa do «Avante!» foi fundamentalmente vivida ali naquele espaço onde a organização dos Pioneiros de Portugal ergueu a mais bela cidade da infância. Uma cidade que milhares de crianças fizeram pulsar de alegria durante três dias. Uma cidade onde o parque infantil com baloiços, escorrega, cordas e pneus constituiu o primeiro pólo de atracção, o apelo irresistível à brincadeira.

Mas nesta cidade feita à dimensão da criança, havia muito mais a viver, a festejar desde a biblioteca onde cada um lia os livros que queria, até aos stands de diversos núcleos de Pioneiros onde abundavam as amostras do espírito criador da criança, a demonstração de como, nos Pioneiros, se ocupam os tempos livres, se aprende, jogando, o valor do trabalho colectivo. Muitos Pioneiros puxavam os pais, os familiares, os amigos, até estes stands e diziam: «Olha o que a gente fez no nosso núcleo. Olha estas conchas, esta pega, este quadro, este frascinho fizemos nós!». E os pais, os familiares, por sua vez, apontavam uns aos outros, o que os filhos tinham feito, compravam a recordação para levar para casa.

A criança pulava por toda a parte, espiava-se pelo chão, corria entre as árvores, jogava de



esconde-esconde, percorria com olhos de entusiasmo a exposição dedicada à Criança em Portugal, à Criança no mundo e ao AIC, lambuzava-se de gelados, satisfazia-se no pequeno stand de sandes, bolos e sumos, atarafava-se nos «ateliers do nada», cantava e dançava acompanhando o ritmo dos espectáculos - e com o Barata Moura, o entusiasmo foi vibrante - brincava às máscaras com uma alegria transbordante, tentava a habilidade no jogo da pesca ou

no jogo das bolas, folheava os livros de literatura infantil à sua disposição, interrogava os participantes na Mesa dos Ofícios, disputava os baloiços, sem brigas, andava por todo o lado numa roda viva. Mas quando os pais chegavam, resistia a pé firme, clamando «Quero ficar. Vão dar mais uma voltinha!». E se os adultos insistiam que era tempo de ir, os mais pequenos choravam não querendo abandonar aquela cidade - mundo da criança.

Era difícil romper nesta Cidade - Festa dentro da Festa. Desde o primeiro dia até à noite de domingo, quando alguns miúdos dormiam deitados numa gigantesca lagarta de pano, sonhando dias de igual convívio, de igual alegria. Era difícil romper já no momento de abertura oficial da Cidade dos Pioneiros, quando na presença de Álvaro Cunhal, os Pioneiros de mãos dadas, entoando a canção da «Galvota», içaram as bandeiras dos Pioneiros de Portugal e do AIC. Neste momento, os amigos mais velhos, aqueles que vieram a maior parte das suas vidas sob a ditadura do fascismo, alguns dos quais já tinham desaperado de ver Abril, estes amigos mais velhos não continham a emoção. Os mais novos igualmente comovidos, disfarçavam, no entanto, num sorriso nervoso. Os outros deixavam as lágrimas correr pelas faces, olhando as crianças cantando, olhando o futuro. Como aquele camarada que jamais verá nos Pioneiros, um neto. Como aquele camarada, Camilo é o seu nome, que dizia:

— Aqui está o futuro de Abril. Eu sinto isto de uma maneira que não se consegue esquecer. Porque em Abril tive a maior alegria da minha vida, calu o fascismo, e tive também a maior tristeza, aquela de que jamais me curarei, mataram, frente ao Carmo, o meu único filho. Como ele gostaria de ver aqui o futuro de Abril!

# Livros e Discos um êxito na Festa

Números é impossível dá-los agora com rigor. Desde sexta-feira à tardinha, mal abriram as portas da Festa, que logo as ruas da Cidade do Livro e do Disco se encheram. Desafiando a poeira que os passos vagarosos levantavam, muitas centenas, muitos milhares de visitantes se debruçaram sobre os livros.

Havia quem já trouxesse na ideia um título ou uma música e a fosse procurar na prateleira ou no disco exposto. Houve também quem se deixasse levar pela exposição, folheasse uma publicação, parasse um pouco a escutar uma canção nova, desse um pulo à lojaça a comprar o «Misha», trouxesse pela mão as crianças deslumbradas com tantos livros infantis. Houve quem fosse ao cantinho dos autógrafos apontar com o dedo o escritor preferido ao companheiro do lado ou intair-se no painel de quando o autor iria estar presente para autografar o livro já comprado, houve quem se perdesse no stand das promoções, a fazer contas ao dinheiro e à vontade de levar dali muito mais.

Houve quem pegasse nos livros com a destreza do hábito ou com a cautela de quem lhe pega raramente. Mas o certo é que toda a gente lá passou, pelo Centro do Livro e do Disco, verdadeira cidade de maravilhas condensadas em páginas ou em acetatos - a arte e a literatura, a política, a ciência e a técnica, a diversão e o sonho. Dezenas de milhares de livros e de discos foram vendidos duran-

te dois dias e meio, o tempo que durou a Festa.

Livros mais vendidos: «A Questão do Vietname», de Pedro Ramos de Almeida; «Poeta Perguntador», de Armando Rodrigues; «Do Fundo do Tempo», de Miguel Urbano Rodrigues; «Até Amanhã, Camaradas», de Manuel Tiago; «Obras Escolhidas», de Lénine; «Inéditos», de António Alvaro; «Esta Água Beberá», de Álvaro Tavares Rodrigues; «Encontro de Quadros Técnicos», edição do Partido Comunista Português; «Dez Dias que Abalaram o Mundo», de John Reed; «Os Vivos e os Mortos», de Konstantin Simonov; «Vietnam, Pátria Reencontrada», de Nguyen Kqac Vien.

Os discos mais vendidos foram: «Fazer Futuro» de Fernando Tordo; «Tamborileiro», de «Briagada Vitor Jara»; «Venceremos», de Sérgio Ortega; «Eito Fora», de «Briagada Vitor Jara»; «Mercedes Sosa Canta Atahualpa Yupank»; «Ao Alcance das Mãos», de Samuel; «Toca a Reunião», do «Trovante»; «Fado do Trapo», de Luís Basto; «Em Nome da Vida», do «Trovante»; «A Menina das Sandálias Rotas», de Luís Basto; «Um Homem na Cidade», de Carlos do Carmo; «Fado dos Chelinhos», também de Carlos do Carmo.

Mais de uma dezena de artistas autografaram os seus discos. E meia centena de escritores e poetas, por seu lado, estiveram presentes na mesa a eles destinados recebendo aqueles que quiseram levar consigo, autografados, as obras adquiridas na Festa.



Folhear o livro, procurar o disco, muitos foram os que passaram pela zona expressamente dedicada às edições. Dezenas de milhar de exemplares vendidos atestam o interesse suscitado

COMÍCIO

Eram não sei quantos mil...

Eram aí umas quatro horas da tarde de domingo quando no Alto da Ajuda se intensificou o movimento ascendente de milhares de visitantes.

O rio de gente transbordou. Invadiu as ruas da cidade efémera construída na Ajuda. E conquistou os topos dos muros e dos muros. Galgou a própria vedação e estendeu-se até à mata.

Eram não sei quantas mil! Vindas do norte. Do centro. Do sul. Das ilhas. Dos países distantes onde portugueses ganham a vida. De todos os pontos do mundo donde chega a solidariedade internacionalista.

Eram não sei quantos mil. De todas as profissões, de todas as classes, de todas as idades. Eram o exemplo vivo da expressão nacional do grande Partido da classe operária e dos trabalhadores portugueses.

Na cidade efémera de três dias, erguida com tanto amor, aquele comício ultrapassou tudo quanto é possível dizer. As palavras não chegam para falar daquele acto político que foi antes do mais um poema à fraternidade, à militância, à solidariedade.

As palavras escasseiam. As palavras sobejam. É preciso ter estado lá. Ter vivido e comungado com aqueles não sei quantos mil camaradas e amigos, irmãos de luta, para sentir o que não se diz. Porque foi o maior e melhor que tudo o mais.

E não apenas a presença, o atento silêncio, a multidão, tornaram grande o comício de domingo. Não. Foram sobretudo as mil pequenas coisas que ali juntaram tanto gente, as histórias de todos e de cada um, o somatório de pequenos grandes actos, porventura anónimos, dos que desconhecendo-se sabem que existem e se dão as mãos no gesto forte e doce da solidariedade.

Eram não sei quantos mil. Afirmando bem alto que não há força que valha a do povo quando se junta para lutar.



Discurso de Dias Lourenço no comício da Festa

Queridos Amigos Queridos Camaradas

A todos vós que viestes de todos os recantos de Portugal e de diversos quadrantes da Terra, a todos vós, queridos visitantes e convidados que trouxestes até à Festa do «Avante!» o calor da vossa presença, do vosso entusiasmo, da vossa solidariedade e amizade, tenho a elevada honra e a imensa alegria de vos transmitir, em nome da Comissão Central da Festa e do jornal «Avante!» as nossas mais quentes saudações.

Camaradas e Amigos, a Festa do «Avante!» de 1979 está a chegar ao fim. Está a terminar esta magnífica iniciativa de massas do PCP que ultrapassou todas as previsões e expectativas. Os números do ano passado foram largamente excedidos. A Festa de 79 afirmou-se como a maior realização popular de Portugal, nos últimos anos. Podemos estar justamente orgulhosos deste extraordinário êxito. A trajetória da nossa Festa tem sido singularmente acidentada - nas quatro edições realizadas até hoje não pudemos ainda assentar em bases seguras os nossos rasgados planos de trabalho.

Há dois anos não pudemos utilizar pela 2.ª vez as óptimas instalações da FIL e isso levou-nos até ao Vale do Jamor, ao magnífico tapete natural que se estende de Linda a velha a Linda a pastora. Linda-a-Velha, Linda-a-Pastora, lindos os campos do Jamor, mas ali, em torno da larga pista onde às vezes trotavam cavalos e onde o sr. Carlucci fazia treinos pedestres segundo parece tão necessários à sua actual tarefa, foi a criatividade, o espírito de iniciativa, o trabalho penoso, a engenhosidade, a militância e a dedicação sem limites dos comunistas a uma causa nobre, que transformaram em beleza, cultura e arte ao serviço do povo, os terrenos abruptos do Jamor.

Mais de 500 000 visitantes em 1977, mais de 600-000 em 1978 constituíram a prova provada da pujança e do prestígio populares da Festa do «Avante!».

Este ano tivemos de vir do Jamor e aqui estamos nesta agradável encosta do Alto da Ajuda.

No cordão operário que nos rodeia, cheio de tradições revolucionárias da população trabalhadora dos bairros da Ajuda, de Alcântara e de Belém, com a faina do Tejo e a Almada proletária ao fundo, a Festa mais bela e mais humana de Portugal está bem aqui.

Mas uma mudança mais, camaradas, e não por nossa bizarrice. Porquê então tais mudanças?

A Festa do «Avante!» é a Festa do PCP mas ela já hoje um acontecimento marcante da vida nacional, uma realização que transcende os estreitos limites partidários e interessa à cultura portuguesa.

Mas não transcendeu ainda nem pode transcender os curtos horizontes, a estreiteza de vistas, a obtusidade, a tacanhez sectária de governantes e políticos reaccionários que têm tentado erguer uma barreira de ódio à cultura, ao progresso, a tudo que exprima conteúdo e sensibilidade popular.

A razão mesquinha destas mudanças sucessivas é porque a Festa do «Avante!» não agrada à reacção, é porque os bonzos do anticomunismo têm medo que o Povo português se capacite ao vivo da verdadeira fisionomia política, moral e humana dos comunistas.

A recusa do Jamor para a Festa de 79 foi uma decisão que é fruto do anticomunismo primário e irracional, do sectarismo e do ódio político do governo escorraçado Mota Pinto/PPD/CDS cujos mentores declararam como inimigo principal na sua estratégia de Poder, o PCP.

Mas não se pode ignorar e eliminar uma força política tão profundamente enraizada nas

massas populares como é o PCP.

E é com certo orgulho, camaradas, que desta tribuna podemos proclamar:

Governos reaccionários o m o s d e M o t a Pinto/PPD/CDS passam mas a Festa do «Avante!» continua! A compreensão da Câmara Municipal de Lisboa, do seu Presidente e da maioria dos seus vereadores tornou possível a realização da Festa 79.

A Câmara Municipal de Lisboa e pessoalmente ao seu Presidente, ao gabinete do Parque Florestal do Monsanto, queremos expressar aqui o nosso reconhecimento pela cedência do Alto da Ajuda e pelas facilidades concedidas. Claro que também na CML a reacção pela boca de uma gentilíssima vereadora do CDS tentou bloquear a realização da Festa. Também o conspícuo órgão do PPD que dá nome de «Povo Livre», dirigido por dona Roseta, afina pela mesma clave.

A vereadora do CDS, entre outras patacoadas, criticando

a cedência de uma máquina «abre-valas» pela CML comenta horrorizada: «eu pergunto - pergunta ela - se é permitido abrir valas naquele terreno e quem as fecha depois. Uma máquina para abrir valas?... Isto para mim é um espanto!». Uma coisa espantosa, meus amigos: uma máquina para abrir valas!

O órgão de dona Roseta vai mais longe. Tem assim um título grande: «Parque de Monsanto mutilado pelo Avante!». O «Povo Livre» com a sua reconhecida liberdade de caluniar e mentir chia nas suas colunas contra as deprecações que estão a ser cometidas pelo «Avante!» no Parque de Monsanto. Desafiámos dona Roseta a vir aqui provar que qualquer árvore da zona da Festa tenha sido cortada, que medidas não tenham sido tomadas rigorosamente para defender certas áreas de espécies arbóreas jovens, interditas, pela organização da Festa a todos os que aqui têm trabalhado.

A gentil vereadora do CDS pergunta mesmo na reunião da

CML se os outros partidos e os seus jornais também podem aqui fazer as suas festas.

O vereador da APU na CML - o camarada Silva Graça - deu-lhe uma engraçada e concludente resposta e ali mesmo a garantia da ausência da APU a qualquer pedido do CDS ou do PPD para fazerem aqui as suas festas.

De maneira que talvez na próxima Primavera vejamos aqui o sr. Freitas do Amaral e talvez madame Roseta e mais a senhora vereadora do CDS a rasgarem mãos com as suas delicadas mãos, porque com máquinas... «Que Horror!».

Sim, sim, camaradas e amigos, estamos aqui, temos podido fazer este ano a nossa Festa, representou um esforço hercúleo que só aos comunistas em tão curtos dias, era possível levar a cabo.

A força de braço arrancámos destes 19 hectares de terras virgens toneladas de basalto, um denso matagal de anos foi arrazado a golpes de enxada, sulcos e valas para infraestruturas totalmente

inexistentes, foram rasgados na crosta endurecida e escalavrada.

Gente da qualidade dos que transformaram o Alto da Ajuda no local agradável onde nos encontramos não a acharem seguramente no CDS ou no PPD.

Os homens, mulheres e jovens comunistas e muitos não comunistas que deram à Festa do «Avante!» mais de 200 000 horas de trabalho voluntário merecem aqui uma palavra de saudação e vivo reconhecimento.

Aos camaradas do Alentejo e do Ribatejo, dos distritos de Lisboa e de Setúbal e de outras regiões do País; aos camaradas engenheiros, técnicos, artistas, decoradores, aos responsáveis pelas diversas frentes de trabalho que diariamente tiveram de encontrar soluções para complicados problemas de toda a ordem; aos camaradas que em condições precárias souberam assegurar durante mais de dois meses refeições abundantes, higiénicas e bem confeccionadas a um numeroso colectivo; aos jovens

camaradas, rapazes e raparigas da UEC, que sacrificaram as suas férias e aqui viveram uma experiência rica e útil; aos camaradas da UJC que deram à Festa muitas horas de trabalho e, finalmente, a todos os camaradas que souberam assegurar com firmeza, disciplina e espírito eficiente vários serviços importantes da organização interna da Festa, a todos vós camaradas, uma merecida palavra de louvor e as calorosas saudações da nossa Comissão Central e do «Avante!».

Neste Alto da Ajuda vive uma numerosa população trabalhadora a quem certamente a Festa do «Avante!» causou alegrias mas também perturbações à sua vida e ao seu descanso diários. Em particular, aos moradores do Bairro 2 de Maio queremos agradecer o acolhimento, a amizade, a grande compreensão de que sempre deram mostras e ao mesmo tempo pedir-lhes que nos

relevezem dos incómodos que ao seu dia-a-dia ocasionámos.

Este ano também, mais do que em qualquer outro, problemas extremamente complicados de segurança de trânsito, de estacionamento de viaturas, de circulação geral nas vias de acesso à Festa tiveram de ser resolvidos. Aos bombeiros de Campo de Ourique e Linda-a-Pastora ao Comando Distrital de Lisboa da PSP e à Brigada de Trânsito da GNR agradecemos facilidades sem as quais dificilmente poderíamos fazer a Festa.

Aos concelhos de gerência da EDP e da EPAL o nosso reconhecimento pela qualidade dos serviços prestados.

Camaradas e amigos. A Festa do «Avante!» é inegavelmente a maior realização do género jamais realizada em Portugal.

Cada vez mais a nossa Festa se insere numa perspectiva de valorização do nosso património cultural, das mais ricas tradições democráticas e progressistas do nosso Povo. A edição de 1979 que hoje vai terminar em apoteose constitui uma extraordinária manifestação de arte e cultura em estreita vinculação com o povo, um acontecimento marcante no percurso das nossas festas, um verdadeiro salto de qualidade.

Sobre a situação e as perspectivas do movimento popular e democrático no nosso país, sobre as propostas políticas do nosso Partido e as suas tarefas imediatas, irá falar-vos depois o camarada Álvaro Cunhal.

Mas desejaria acentuar que a Festa do Avante de 79 é um espelho da força transformadora revolucionária da sociedade portuguesa que é o PCP, da sua profunda ligação às massas populares e à solução dos principais problemas que preocupam o nosso povo, é uma viva exposição do seu projecto político.

A Festa é, numa palavra, significativa amostra do carácter patriótico e democrático do PCP. Também uma vez mais a nossa Festa é o espelho de

uma outra flagrante realidade da acção de um grande partido nacional - a sua fidelidade ao internacionalismo proletário, a força da solidariedade internacionalista dos comunistas portugueses.

Nesta nossa Festa de 1979 estão de novo entre nós distintos representantes da imprensa operária internacional, irmãos de combate da grande causa da paz, da libertação nacional, do socialismo. A sua estadia entre nós constitui uma enorme honra para os comunistas portugueses.

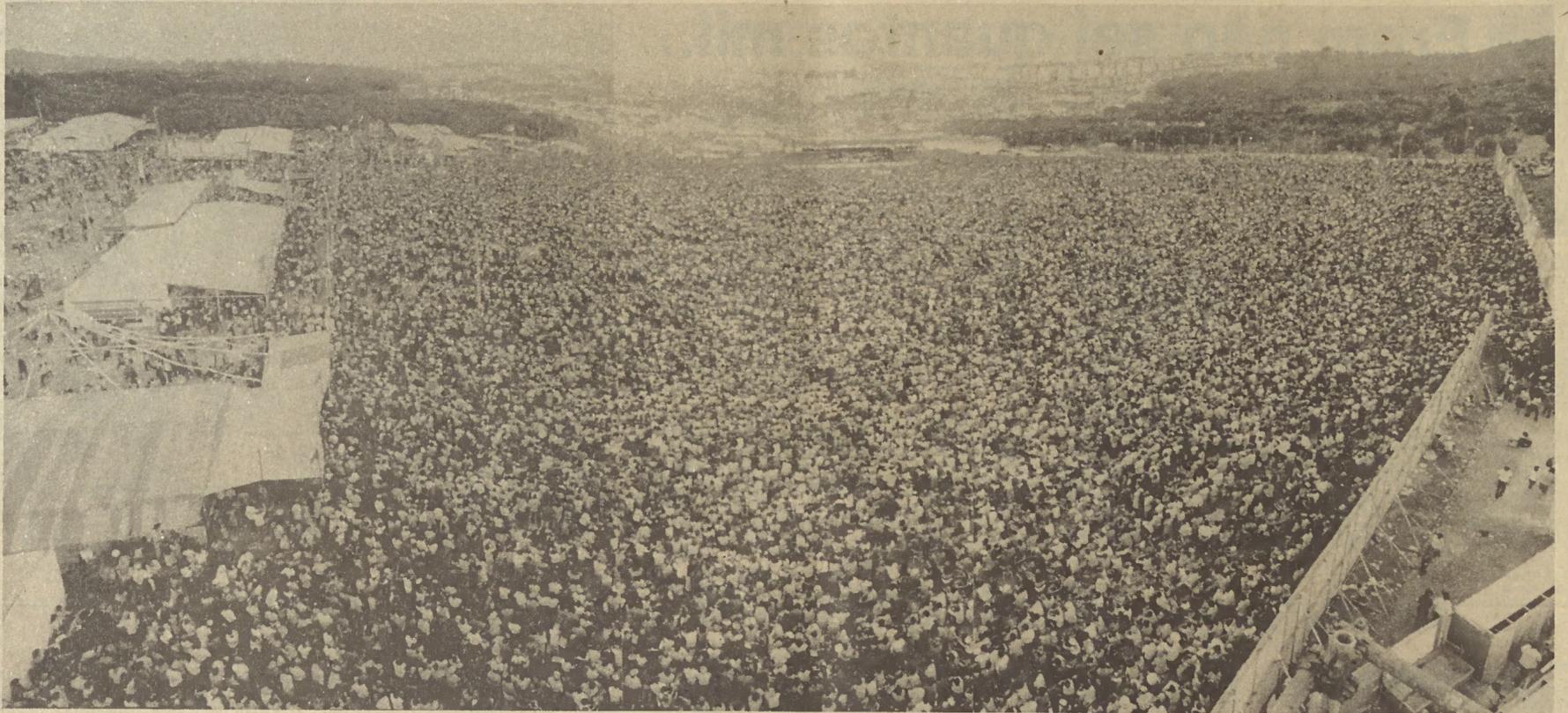
Queremos daqui saudar com calor os representantes da imprensa operária, da Revista Internacional e dos órgãos centrais dos partidos comunistas e operários e dos partidos e movimentos de Libertação nacional presentes na nossa Festa - de Angola, Argentina, Berlim-Oeste, Brasil, Bulgária, que hoje comemora a sua data nacional, Checoslováquia, Chile, Coreia, Cuba, Espanha, Etiópia, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Itália, Japão, Jugoslávia, Moçambique, Panamá, Polónia, República Democrática Alemã, República Federal da Alemanha, Sahara Ocidental (Polisário), Turquia, da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, finalmente do Vietnam.

Outros órgãos de imprensa operária enviaram-nos materiais de exposição e também sensibilizadoras saudações. A nossa Festa seria uma apagada coisa se não tivesse a animá-la a participação de muitas centenas de artistas e desportistas, amadores e profissionais, portugueses e estrangeiros. A Festa do «Avante!» deve-lhes muito pela qualidade das suas exposições. Aqui lhes deixamos o nosso reconhecimento por terem trazido à nossa Festa o valor da sua participação.

Queridos camaradas e amigos. Até para o Ano! Viva a festa do «Avante!» Viva o PCP!



COMÍCIO



# Discurso de Álvaro Cunhal na Festa

Camaradas e amigos:

Todos nós, comunistas e não comunistas, temos consciência de que a Festa do «Avante!» — glorioso órgão central do nosso Partido — constitui um extraordinário acontecimento da vida nacional.

A Festa do «Avante!» é uma nova demonstração dos objectivos e da prática política do nosso partido, da sua contribuição construtiva para a solução dos problemas nacionais, da sua vida democrática e do seu estilo de trabalho colectivo, da sua indissolúvel ligação com a classe operária e as massas populares, da sua luta firme e consequente ao serviço do povo e da pátria, com cujos interesses está inteiramente identificado.

A todas as organizações e militantes do Partido, que, com o seu trabalho dedicado, esforçado, tenaz, confiante, entusiasta, por vezes extremamente duro e pesado, tomaram possível esta grande realização, transmito as saudações e felicitações calorosas e fraternais do nosso Comité Central.

Saudando os que aqui, no Alto da Ajuda, entregaram e entregam à Festa o seu trabalho, a sua imaginação, o seu talento, é todo o nosso imenso colectivo do Partido que saudamos, porque todo o Partido esteve empenhado nesta realização sem par e só com tal empenhamento a Festa foi possível.

Igualmente justo saudar aqueles que, não sendo comunistas deram também a sua contribuição, trabalhando dedicadamente ao lado dos comunistas immanados num mesmo esforço criador.

Estamos certos de que, assim como trabalhamos juntos para que esta Festa se realizasse, assim podemos trabalhar juntos em todas as esferas da vida nacional para que prossiga o Portugal de Abril.

Sendo uma realização eminentemente nacional e patriótica, a Festa do «Avante!» testemunha simultaneamente os sentimentos internacionalistas dos comunistas portugueses e o apoio dado ao PCP, ao povo português, à Revolução Portuguesa, por parte dos partidos irmãos e de movimentos revolucionários de outros países, cuja presença aqui — com os seus delegados, os seus stands, os seus artistas e desportistas — é uma afirmação de solidariedade que jamais será esquecida.

Saudando fraternal e cordialmente os nossos convidados, a todos expressamos o alto preço e gratidão pela sua presença.

Levário, certamente, com a recordação da Festa do «Avante!», uma imagem do Portugal de Abril, da sua realidade, dos seus problemas, da sua luta, das suas esperanças.

Levário também, estamos certos, a justa imagem de um Partido e de um povo, que sendo eminentemente patriotas, estão imbuídos de profundos sentimentos de solidariedade internacionalista para com as forças revolucionárias e os povos dos outros países.

A todos aqueles que nos trouxeram o seu abraço fraternal nós dizemos:

De volta aos vossos países, podereis afirmar que os comunistas portugueses, inspirados pelo amor ao seu povo e à sua pátria e pelos ideais do internacionalismo proletário, são e serão sempre activamente solidários para com os vossos respectivos povos e partidos.

Consideramos indivisíveis os nossos deveres nacionais e os nossos deveres internacionalistas. E consideramos também que a maior contribuição que podemos dar para a causa universal da libertação da Humanidade, é, na hora presente, assegurarmos a defesa das grandes conquistas da Revolução Portuguesa, e assegurarmos a Portugal um futuro livre, democrático, progressista, pacífico e independente, tendo como horizonte a sociedade socialista.

A Festa do «Avante!» é uma exaltante afirmação da nossa confiança em que conseguiremos realizar este objectivo.

## A Festa do «Avante!» expressão do Portugal de Abril

Recusaram-nos a FIL. Depois sem qualquer razão plausível, recusaram-nos o Jamor. Quando conseguimos finalmente o Alto da Ajuda, terreno completamente abandonado, pedregoso, extremamente irregular, cheio de mato, houve quem proclamasse novamente tal como haviam feito no Jamor: «Agora sim, os comunistas vão enterrar-se no Alto da Ajuda».

Mas não, os comunistas não se enterraram na Ajuda, tal como não se haviam enterrado no Jamor. Os comunistas são o Partido dos trabalhadores. O trabalho é para os comunistas o motor da vida humana, a fonte da riqueza, do bem-estar e do progresso. Os comunistas lançaram-se ao trabalho. Planificaram. Organizaram. Estudaram e encontraram soluções. Com a inteligência, a técnica, a arte, os braços e as mãos, o suor e o canto, a tensão e a alegria, o ideal e o sonho, milhares de camaradas, brigadas de voluntários, homens e mulheres de todas as idades, a que se juntaram os pioneiros, removeram toneladas de pedra, roçaram mato, realizaram terraplanagens, abriram ruas, avenidas e praças, instalaram água, electricidade e esgotos e em pouco tempo edificaram toda esta magnífica cidade de três dias para «a Festa que traz Portugal a Lisboa».

Tal como no Jamor, o que se enterrou no Alto da Ajuda não foram os comunistas, mas sim os planos da reacção de impedir a realização e o sucesso da Festa do «Avante!».

Tem-se dito com propriedade que a Festa do «Avante!» é a maior, a mais fraterna e a mais humana festa que se realiza em Portugal.

Muito mais se tem dito e se dirá. Gostaria de sublinhar porém aqui apenas mais alguns dos seus traços essenciais.

Em primeiro lugar: a Festa do «Avante!» é uma Festa do Portugal de Abril.

A Festa do «Avante!» é uma viva e exultante afirmação da realidade portuguesa criada pela revolução, pela luta, pelo trabalho e o espírito criador do nosso povo.

É a afirmação do valor das transformações democráticas alcançadas desde o 25 de Abril. Das liberdades e da vida democrática. Da Reforma Agrária, a mais bela conquista da revolução, parte integrante do regime democrático, que os trabalhadores alentejanos e ribatejanos têm sabido defender numa luta heróica.

Das nacionalizações que puseram fim ao domínio dos grupos monopolistas e que, apesar da furiosa ofensiva das forças reacçãoárias, se mantêm de pé. Da intervenção dinâmica dos trabalhadores em toda a vida nacional, como factor essencial e indispensável para a solução de problemas e a salvaguarda do regime democrático.

Na Festa no seu conjunto, em cada uma das suas realizações, nos stands, nas exposições, nas manifestações culturais e desportivas, no convívio, na alegria e na confiança que se vê brilhar nos olhos, aparece a imagem viva do Portugal libertado do fascismo, do Portugal democrático, que o povo português quer defender e defenderá.

A Festa do «Avante!» é uma exaltante expressão da pátria portuguesa, a pátria dos trabalhadores e do povo inteiro, pela qual, nós, os comunistas, estamos prontos a dar a vida.

A Festa ajuda-nos a todos nós, ajuda o nosso povo, a melhor conhecer, a melhor apreciar, a melhor defender tudo de positivo que o 25 de Abril nos trouxe.

Em segundo lugar: A Festa do «Avante!» é uma grande realização cultural.

A Festa do «Avante!» é a mais valiosa e diversificada manifestação de cultura e arte realizada em Portugal, com a incomparável exposição de artes plásticas, com a exposição de arte popular, com os grandes painéis, com a exposição e o recital sobre Camões, com o festival de livros, com as conferências e colóquios, com a pléiada de artistas do teatro, da canção, da música, da dança, do cinema.

Na Festa do «Avante!» esbateram-se as fronteiras entre os intelectuais e as massas. A criatividade e o talento, buscando as suas profundas raízes no povo, expressam-se e vivem com o povo e para o povo. O elevado nível artístico e técnico funde-se com o trabalho manual, o sentir, as aspirações das mais vastas massas populares.

Em dois dias e meio, a Festa do «Avante!» faz mais pela democratização e a difusão da cultura do que todos os governos juntos ao longo dos anos.

As forças reacçãoárias não suportam que os comunistas e os trabalhadores sejam, no Portugal de hoje, os verdadeiros defensores da cultura, da arte, do património artístico nacional, dos verdadeiros valores da nossa entidade nacional e da nossa História.

Impotentes e despetidas, as forças reacçãoárias virtem o seu veneno contra a Festa do «Avante!» e insurgem-se por nela se lançarem as primeiras pedras das comemorações do centenário de Camões que devem ter lugar no ano próximo.

Camões, camaradas, não é a voz da reacção e do colonialismo. Camões é a voz do nosso povo, dos lusíadas, a voz da insubmissão ante os privilégios, a voz do progresso social e científico, a voz da nação portuguesa num elevado sentido humanista.

A reacção contemporânea que procura apropriar-se de Camões e que todos os anos organiza manifestações fascistas provocatórias junto do seu monumento em Lisboa, se tivesse vivido no seu tempo, tê-lo-ia condenado, como então fizeram as classes governantes, a pedir esmola pelas ruas de Lisboa.

Nenhuma classe mais que a classe trabalhadora e nenhuma força política mais que o PCP tem o direito e o dever de comemorar Luís de Camões, o genial poeta, poeta do povo e da pátria portuguesa.

Queira ou não queira a reacção, levaremos a obra de Luís de Camões até ao povo, porque Camões pertence ao povo e à pátria e não aos seus inimigos.

Em terceiro lugar: a Festa do «Avante!» é contribuição para uma alternativa democrática.

A Festa do «Avante!» realiza-se num momento político particularmente complexo com características novas e novas perspectivas e adquire por esse facto um elevado significado e uma significativa importância na conjuntura actual.

A Festa é uma contribuição para a clarificação da situação política, para fazer vingar o processo constitucional em curso, para unir os trabalhadores, para unir os democratas, para que a reacção seja derrotada e o PCP alcance uma grande vitória nas próximas eleições.

Permiti, camaradas, que diga mais algumas palavras sobre estas questões.

## A saída constitucional da crise — grande derrota da reacção

A característica fundamental da situação política presente é estar em curso uma saída constitucional para a crise governativa aberta em 1977 com o fracasso da política do governo PS sozinho aliado de facto à direita e extraordinariamente agravada com a brutal política fascizante do governo Mota Pinto.

No prosseguimento da política de recuperação capitalista, latifundista e imperialista, a reacção tinha lançado em fins de 1978 princípios de 1979 um ataque global visando a liquidação a curto prazo do regime democrático.

O ataque global da reacção, conduzido fundamentalmente pelo PPD/Sá Carneiro e pelo CDS/Freitas do Amaral, tentou destruir todas as conquistas democráticas alcançadas desde o 25 de Abril, designadamente a Reforma Agrária, as nacionalizações e o controlo de gestão dos trabalhadores. Tentou reinstaurar na vida nacional, como prática governativa normal, decisões arbitrárias e ilegais e a sua imposição através da repressão dos trabalhadores, de espancamentos, de cargas de cavalaria, e matilhas de cães ferozes.

O PPD e o CDS reclamaram com insistência nos últimos tempos a realização de eleições. Mas as eleições que pretendiam não eram aquelas que irão realizar-se.

Receosos da abstenção de uma grande parte do seu eleitorado, queriam uma outra lei eleitoral, que, com pesadas multas, obrigasse todos os eleitores a votarem, colocando assim as populações de vastas zonas do País ainda dominadas pela reacção à mercê dos caciques locais reacçãoários.

Queriam pôr em causa a proporcionalidade do voto, de forma a que, para eleger um deputado do PCP, fossem necessárias duas ou três vezes mais votos do que para eleger um deputado dos partidos reacçãoários.

Queriam forçar a revisão inconstitucional e ilegal da Constituição, não respeitando nem prazos, nem termos, nem limites materiais da revisão, dando legalmente poderes de revisão constitucional à Assembleia da República e eleger nas eleições intercalares, eliminando a exigência constitucional da aprovação de qualquer revisão pelo mínimo de dois terços dos deputados, violando os preceitos constitucionais que impõem que qualquer revisão constitucional respeite (entre outras características fundamentais do regime democrático), os direitos, liberdades e garantias dos cidadãos, a eliminação dos monopólios e dos latifúndios, a representação proporcional, a autonomia das autarquias locais, a independência nacional e a unidade do Estado.

Para atingirem estes objectivos, o PPD e o CDS queriam que fosse utilizado o processo inconstitucional do referendo de forma a iludir e a manipular o eleitorado através de um autêntico golpe de Estado disfarçado numa operação pseudodemocrática.

Queriam também (como em larga medida conseguiram) assaltar e apossar-se do aparelho do Estado e dos meios de comunicação social, da rádio, da TV, de jornais estatizados, para desinformarem, deturparem, caluniarem e envenenarem a opinião pública utilizando, como temos visto, processos que nada ficam a dever aos utilizados no tempo da ditadura fascista.

Para o êxito deste ataque global, o PPD e o CDS contavam, como instrumento fundamental ao seu serviço, com o governo Mota Pinto, governo do PPD e do CDS, governo cujos arbitrios, ilegalidades, violências e crimes constituem uma mancha vergonhosa na história da democracia portuguesa.

Na previsão de eleições intercalares, o PPD e o CDS, a CIP e a CAP e as outras forças reacçãoárias exigiam que, dissolvida a Assembleia da República e afastada, portanto, a possibilidade de uma vigilância e intervenção da Assembleia sobre o governo Mota Pinto, esse governo, sem escrúpulos e sem vergonha, continuasse até às eleições a sua obra de ódio e destruição e fosse ele a organizar o acto eleitoral — o que sem dúvida transformaria as eleições numa mascarada digna dos tempos de Salazar e de Caetano.

O ataque global da reacção provocou o agravamento das condições de vida do povo. Roubou terras, gados, máquinas, searas às UCPs e cooperativas. Entregou ilegalmente empresas ao patronato sabotador. Causou grandes estragos e destruições na sociedade portuguesa. Mas foi finalmente contido, sustido e derrotado.

Nós fazemos reservas ao governo de Maria de Lourdes Pintasilgo. Embora compreendamos a pesada herança que recebeu do governo Mota Pinto, discordamos de aumentos de preços que fazem cair ainda mais pesadamente a crise sobre os ombros dos trabalhadores, das camadas mais desfavorecidas e da população em geral.

Desmascaramos ao mesmo tempo o alarido hipocrita que a esse respeito fazem as forças reacçãoárias, porque todos sabemos que o PPD e o CDS têm grandes responsabilidades nos aumentos de preços decididos pelos governos anteriores e que é absolutamente certo que, se continuasse o governo Mota Pinto ou o PPD e o CDS constituíssem novo governo, os aumentos de preços e a degradação das condições de vida do povo português seriam ainda mais rápidos e mais graves.

Parece incontestável que a queda do governo Mota Pinto, a formação do governo de Maria de Lourdes Pintasilgo e a realização de eleições intercalares segundo os preceitos constitucionais, significa uma estrondosa derrota das forças reacçãoárias e em primeiro lugar, do PPD/Sá Carneiro e do CDS/Freitas do Amaral. Significa uma afirmação da vitalidade das instituições democráticas e uma vitória real das forças democráticas e do povo português.

A formação deste governo, em substituição do governo fascista Mota Pinto/PPD/CDS, inserida na saída constitucional para a crise, representa um passo positivo para consolidar e prosseguir o regime democrático.

## A força e a luta do povo determinante das soluções democráticas

Como foi possível a derrota do ataque global da reacção contra o regime democrático, quando a reacção parecia galopar na sua obra de destruição, de restauração capitalista, latifundista e imperialista, com um mais agressiva, tomando conta do governo, assaltando populações, no aparelho do Estado, nos meios de comunicação social, nas alavancas da vida económica?

E ou não verdade que, tomados pelo desânimo, alguns deviam pôr em dúvida o processo do avanço democrático, da destruição das conquistas democráticas e do próprio regime consagrado na Constituição?

Sim, isso é verdade. Mas é também verdade que o PCP sempre insistiu em que a política de recuperação capitalista, latifundista e imperialista contrária de forma a uma nova realidade portuguesa criada pela revolução, que nada resolve e nada poderá resolver, que encontra inevitavelmente a justa resistência do povo e que por isso, por muito mal que faça, está condenada ao fracasso e à derrota.

E também verdade que o PCP sempre sublinhou que a reacção tem realmente muito menos força do que pretende, que as forças da democracia são no Portugal de hoje incomparavelmente mais fortes que as forças da reacção, e que o regime consagrado na Constituição pode ser defendido com êxito.

Desenvolvendo a sua acção rigorosamente no quadro das instituições e do regime, o PCP organizou, encabeçou e promoveu a luta contra a ofensiva reacçãoária, em defesa da Reforma Agrária, das nacionalizações e do controlo de gestão, contra os pacotes e a alta dos preços, em defesa das liberdades e direitos dos trabalhadores, dos reformados, dos deficientes, dos pequenos e médios agricultores e rendeiros, dos intelectuais e dos quadros técnicos, dos pequenos e médios comerciantes e industriais, das mulheres, da juventude.

Num momento em que poderosas forças coligadas procuravam derrotar o PCP, o PCP conduziu a luta de massas nas suas formas clássicas: intervenção na solução dos problemas concretos do país actual na Assembleia da República, junto dos outros órgãos de soberania e nos órgãos de poder local.

O PCP foi a força motora da luta popular e da acção democrática contra o avanço da reacção, e em defesa do regime democrático.

O governo Mota Pinto caiu não só porque não resolveu antes agredir todos os problemas nacionais como porque a sua actuação despolítica e criminosa levantou contra ele os trabalhadores, e o País inteiro. O governo Mota Pinto caiu porque a luta popular e a acção democrática foram mais fortes que a reacção.

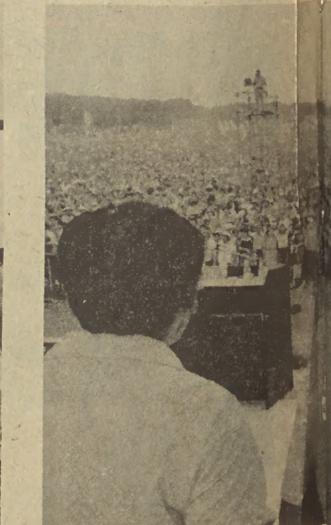
Se foi possível retardar, entrar e sustar, pelo menos por algum tempo, a ofensiva das forças reacçãoárias, impedir a liquidação do regime democrático, e alcançar uma saída constitucional para a crise, isso deve-se fundamentalmente à luta tenaz, confiante, corajosa e heróica dos trabalhadores e das massas populares em defesa do Portugal de Abril.

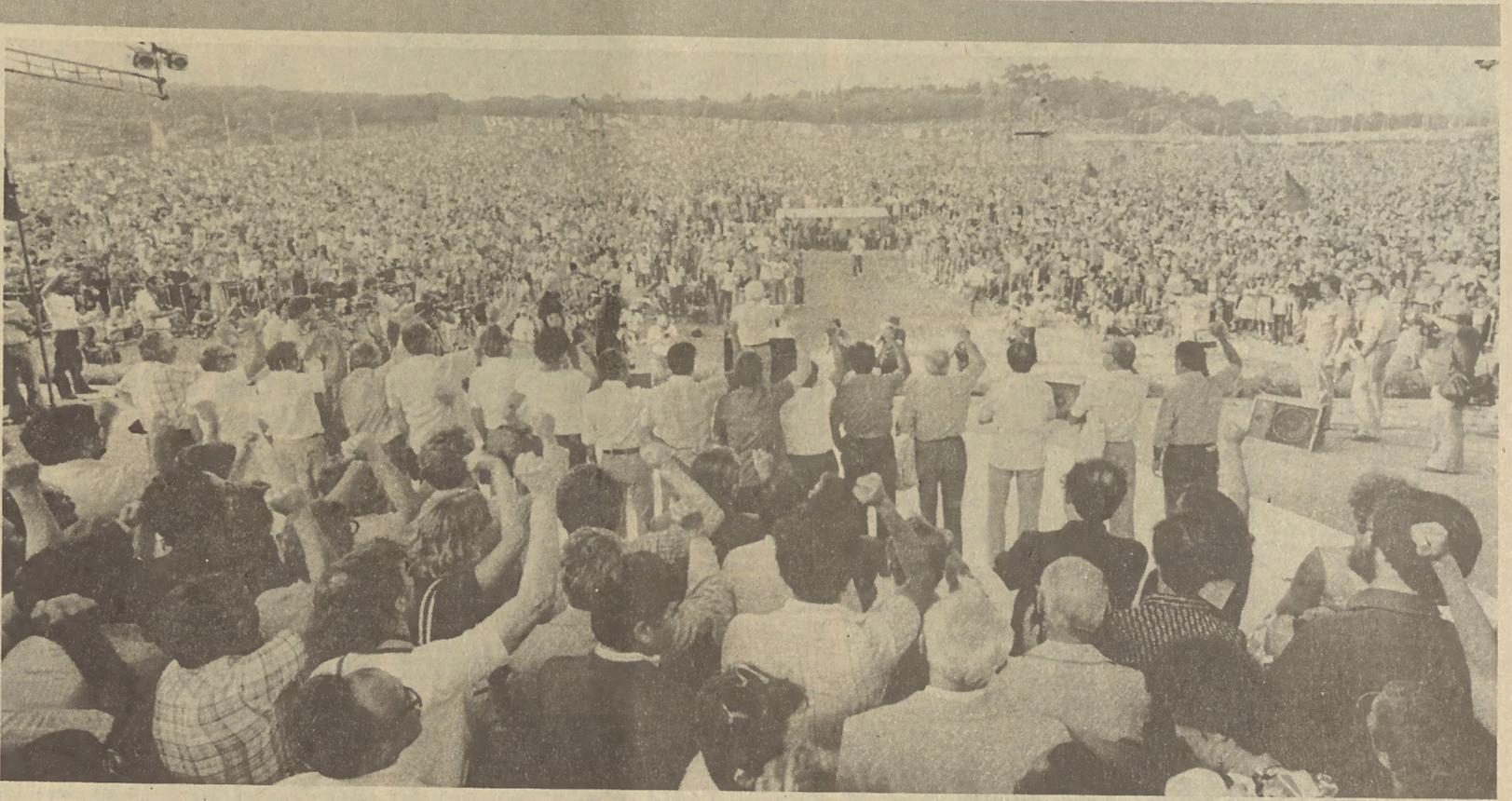
A evolução da situação política é uma comprovação das análises feitas e das perspectivas abertas pelo PCP.

Por isso, na situação actual, todos os outros partidos se mostram nervosos, incertos, instáveis, divididos, desorientados, receosos, sem saber bem que fazer, enquanto que o PCP se mantém calmo, seguro, unido, certo da sua razão e da sua força, certo do apoio crescente dos trabalhadores e das mais vastas massas populares, certo de que uma alternativa democrática é possível e que as próximas eleições podem criar condições finalmente favoráveis para essa alternativa.

## Avante, para uma grande vitória eleitoral

Na previsão das eleições, os nossos camaradas, os nossos aliados e até os nossos inimigos perguntam qual será a tática eleitoral do PCP.





Gostariamos de ter podido hoje esclarecer inteiramente esta questão, o podemos fazer.

Não estão ainda marcadas as datas das eleições e por isso não se ainda muitas dúvidas e interrogações.

A única coisa que parece certa quanto à data é que as eleições para as autarquias terão lugar no mês de Dezembro. Mas nada se sabe ainda quanto à data das eleições para a Assembleia da República. Embora em princípio devam realizar-se também em Dezembro, não é ainda absolutamente certo. E, se o for, realizar-se-ão antes ou depois das eleições para as autarquias?

Da resposta a estas questões dependerá naturalmente a táctica eleitoral do PCP.

Que poderemos então dizer no momento presente?

Podemos dizer desde já, em relação às eleições para as autarquias, e tal como sucedeu nas últimas eleições, o nosso Partido concorrerá às listas APU, Aliança Povo Unido estabelecida entre o PCP e MDP/CDE.

A APU adquiriu extraordinário prestígio nas massas populares. Nas eleições parciais realizadas, a APU registou sempre resultados significativos. Nas célebres eleições de Évora, a APU alcançou a maioria absoluta, com 53% do eleitorado.

Pois bem, camaradas.

O PCP irá à batalha eleitoral para as autarquias nas listas da APU estamos certos de que registaremos uma grande vitória eleitoral, mantendo consideravelmente a representação dos comunistas no Povo Unido nas Câmaras e Assembleias Municipais e nas listas e Assembleias de Freguesia.

Desde já, segundo primeiras estimativas, concorreremos às eleições para as autarquias em mais 1000 freguesias do que em 1976. E podemos dizer que aumentamos este número fazendo um sério esforço para concorrer nas zonas que parecem mais difíceis, onde muita gente nos para e onde acabará por brilhar o sol de Abril.

Estamos certos de que as próximas eleições para as autarquias irão proporcionar o rápido progresso dos Ideais democráticos e da luta do nosso Partido, mesmo em regiões que a reacção ainda há pouco dominar inteiramente.

Quanto às eleições para a Assembleia da República, não se vendo ainda a data, pouco podemos dizer de concreto.

As forças reaccionárias desenvolveram intensa campanha para que as eleições para a Assembleia da República e para as autarquias se fossem no mesmo dia ou com pequeno intervalo.

As forças reaccionárias pensam que, se isso suceder, o PCP terá dificuldades insuperáveis para fazer uma campanha eleitoral APU para as autarquias e uma campanha eleitoral PCP para a Assembleia da República.

Aos camaradas e amigos que manifestam inquietação por esse vivo, nós queremos aqui dizer em nome do nosso Comité Central: Estudamos atentamente a questão e não temos qualquer receio de as eleições com pequeno intervalo nem das eleições simultâneas. A reacção enganava-se nos seus cálculos. Encontraremos sempre a forma correcta, justa e eficaz de actuar e estamos certos de que, ao só registaremos uma grande vitória nas eleições para as autarquias, como registaremos uma grande vitória nas eleições para a Assembleia da República, sejam ou não simultâneas.

A reacção está inquieta com o visível aumento da influência do PCP. Depoente muitas esperanças na concorrência às eleições de elementos esquerdistas e grupos provocatórios. Pode ver-se na imprensa reaccionária e na rádio controlada pelo PPD como a reacção mania, promove, acarinha e incita esquerdistas e provocadores.

O povo português tem, porém, os olhos abertos. Viu ao longo dos últimos anos que o esquerdismo só serve para dividir e enfraquecer a unidade. O voto em esquerdistas é o voto perdido, que não elegerá os autarquias e poderá impedir aqui ou ali que o PCP eleja mais um.

Que não deite foguetes a reacção. A concorrência de esquerdistas provocadores não impedirá o sucesso do PCP.

Há quem diga que as eleições intercalares para a Assembleia da República não serão solução da crise porque, mesmo alcançando-se os resultados eleitorais indicados pelo PCP (manter os partidos reaccionários em minoria, repetir na Assembleia da República uma maioria democrática, designadamente de comunistas e socialistas, e aumentar sensivelmente o número de deputados comunistas), o PS procurará novamente uma aliança com a direita e por isso não será possível uma alternativa democrática.

Será correcta esta apreciação?

Não, camaradas, não é correcta.

Em 1.º lugar, se (como confiamos) o PPD, o CDS e outros partidos reaccionários forem derrotados e se mantiverem em minoria, cairão por terra todos os seus planos de revisão inconstitucional da Constituição e de liquidação das conquistas da revolução e do regime democrático.

Cairá por terra a afirmação de que o eleitorado deixou de estar com o PS de Abril e passou a apoiar a direita — afirmação em que fundamentam

toda a sua exigência e a sua pretensão de constituírem governo e aprovarem na Assembleia da República uma nova contra-revolução legislativa.

A derrota do PPD e do CDS nas próximas eleições para a Assembleia da República será um passo extremamente importante para a política de recuperação capitalista e de alianças com a direita, criar-se-ão condições mais favoráveis para um entendimento entre todos os democratas, designadamente entre comunistas e socialistas.

Em 2.º lugar, se (como confiamos) o nosso Partido reforçar sensivelmente o número dos seus deputados, acompanhando uma certa e previsível quebra do PS resultante da sua política de recuperação capitalista e de alianças com a direita, criar-se-ão condições mais favoráveis para um entendimento entre todos os democratas, designadamente entre comunistas e socialistas.

A Assembleia da República agora dissolvida embora nela houvesse uma maioria de comunistas e socialistas foi dominada por uma maioria do PS com a direita. É necessário que a essa maioria suceda uma maioria democrática, não apenas no número de deputados, mas no entendimento e na acção comum.

Não desejamos que o PS perca votos a favor do PPD ou do CDS. Mas antigos votos no PS que passem a ser votos no PCP constituirão uma contribuição positiva para a derrota da reacção e para uma alternativa democrática na base do entendimento e unidade dos democratas.

O reforço do PCP e do seu Grupo Parlamentar, não é apenas um objectivo dos comunistas. É um objectivo de todos que desejam garantir o prosseguimento do Portugal de Abril.

É um objectivo tão essencial que sabemos de democratas que, nos dizem que não votarão desta vez nos seus respectivos partidos mas no PCP, porque na conjuntura actual, o voto no PCP é no fim de contas o único voto útil para possibilitar uma alternativa democrática com a formação de um governo democrático.

### Os comunistas no governo imperativo para uma alternativa democrática

A vida nacional dos últimos anos esclareceu milhões de portugueses acerca da política real e dos objectivos reais dos partidos políticos.

A ilusão criada por programas demagógicos seguiu-se a insidiosa lição dos factos.

Tanto o PS como o PPD e o CDS já mostraram o que fazem no governo.

Portugal assistiu nos últimos anos ao fracasso espectacular, tanto da política social-democrata do PS, como da política reaccionária do PPD e do CDS.

A experiência do governo PS sozinho aliado de facto à direita e do governo de coligação PS-CDS, demonstrou cabalmente que a política de recuperação capitalista, latifundista e imperialista, agrava extraordinariamente as condições de vida do povo e todos os grandes problemas nacionais.

A experiência do governo Mota Pinto/PPD/CDS demonstrou que uma política de liquidação das conquistas democráticas, de exploração desenfreada das massas laboriosas, de ódio à classe trabalhadora, e aos pequenos e médios agricultores, de restauração do poder do grande capital e dos latifúndios, de entrega ao imperialismo, é uma política de destruição e de desastre inilível no Portugal democrático saído da revolução de Abril.

A experiência do despotismo dos Governos Regionais do PPD nos Açores e na Madeira dá também uma mostra da sorte que a reacção reservaria ao país inteiro no caso de vir a dominar Portugal.

Nesta época conturbada da democracia portuguesa que foi o ataque global da reacção comandado pelo PPD e o CDS, uma vez mais se confirmou que a única força política que luta consequentemente em defesa dos trabalhadores e das camadas laboriosas da população, em defesa das liberdades e das outras conquistas da revolução, em defesa do regime democrático consagrado na Constituição, o único Partido que apresenta um programa claro, soluções adequadas à situação nacional, uma política capaz de garantir a melhoria das condições de vida do povo, o desenvolvimento da economia e a independência nacional é o Partido Comunista Português.

Por isso o PCP é o Partido em que o povo pode confiar e em que de forma crescente confia.

Não pretendemos, que o nosso Partido, sozinho, possa resolver todos os problemas.

Temos defendido e continuamos a defender a aproximação, o entendimento, a acção comum dos trabalhadores e dos democratas, designadamente de comunistas e socialistas como indispensável para uma alternativa democrática. Contra todas as tentativas divisionistas

defendemos a unidade sindical em torno da gloriosa CGTP-Intersindical Nacional. Defendemos a unidade de acção das classes antimonopolistas. A unidade dos democratas e patriotas das mais variadas tendências políticas e independentemente das crenças religiosas, pois na luta política, não é a religião que une ou divide os portugueses, mas os seus interesses de classe e os seus ideais. Temos defendido e continuamos a defender a formação de um governo com apoio popular e parlamentar maioritário.

Os acontecimentos políticos dos últimos anos provaram no entanto duas coisas fundamentais:

Primeiro: que nem PS, nem PPD, nem CDS, separados ou coligados, têm uma política e uma prática que assegurem os interesses do povo e do País, e a consolidação do regime democrático.

Segundo: que só com o PCP e com os trabalhadores se pode garantir o bem-estar do povo, defender as transformações democráticas do 25 de Abril, resolver os grandes problemas nacionais e assegurar o futuro livre, democrático e independente de Portugal.

O rigoroso respeito da Constituição, a rectificação das ilegalidades e abusos do governo Mota Pinto (restituindo terras, gado e máquinas às UCPs e cooperativas, reexaminando os casos de desintervenções ilegais e arbitrarias, repondo nos seus cargos pessoas igualmente demitidas ou afastadas) a garantia das liberdades e direitos dos cidadãos, o desenvolvimento económico na base da consolidação das transformações democráticas alcançadas desde o 25 de Abril (Reforma Agrária, nacionalizações, controlo de gestão), o melhoramento das condições de vida material e cultural do povo, uma política externa de independência nacional — são princípios básicos de uma viragem democrática.

E uma viragem democrática em resultado da vitória das forças democráticas e do reforço do PCP nas próximas eleições terá de significar não só uma maioria democrática na Assembleia da República, mas a constituição de um governo, apoiado nessa maioria, ou seja um governo com o PCP.

O PCP é a na democracia portuguesa a força organizadora, mobilizadora e dinamizadora por excelência. É uma força essencial, determinante, indispensável e insubstituível.

Esta mesma Festa do «Avante!» 1979 foi um novo grande teste, provando que para o PCP e para os trabalhadores não há dificuldades, nem obstáculos que não possam ser vencidos.

Os comunistas num governo democrático lançar-se-ão à resolução dos problemas nacionais com a mesma determinação e o mesmo sucesso com que transformaram o morro pedregoso do Alto da Ajuda nesta magnífica e festiva cidade de três dias.

### O projecto político do PCP

As forças reaccionárias desenvolvem uma insistente campanha segundo a qual o PCP critica muito os governos, mas, se fosse governo, também não teria soluções para os grandes problemas nacionais.

Na hora presente, o grande objectivo político é a vitória eleitoral das forças democráticas e do PCP e, como resultado, a constituição de um governo no qual, na base de um acordo ou plataforma, o PCP esteja disposto a assumir as suas responsabilidades.

O CC do nosso Partido resolveu, na sua reunião plenária do dia 6, a realização, antes das eleições, de uma Conferência Nacional do Partido em que será elaborado e aprovado o Programa Eleitoral do PCP.

Entretanto, respondendo à campanha reaccionária, é necessário que o povo conheça a política democrática que propõe o PCP e, para melhor a conhecer, é necessário que o povo saiba o que fariam os comunistas se fossem governo.

No dia em que o povo português decida que o PCP seja Governo, pode o País estar certo: com os trabalhadores, com as massas populares, com todos os democratas que conosco querem trabalhar e lutar, construiremos uma vida melhor para o povo português.

Actuaremos no quadro rigoroso das instituições e do regime democrático. Garantiremos as liberdades e os direitos dos cidadãos, a legalidade e a ordem democráticas, a tranquilidade pública. Tudo faremos para instaurar um clima de tolerância, no qual as ideias políticas e as crenças religiosas sejam rigorosamente respeitadas.

Planificaremos e organizaremos a produção. Dinamizando a Reforma Agrária e as empresas e sectores nacionalizados, apoiando os pequenos e médios agricultores e rendeiros, apoiando as cooperativas e empresas em autogestão e as pequenas e médias empresas comerciais e industriais, assegurando condições de actividade normal ao sector privado, superaremos a estagnação, a recessão e a rotina e daremos um impulso inovador a toda a economia nacional.

Transformaremos terras incultas, abandonadas ou subaproveitadas em florestes e culturas agrícolas, pastagens e florestas. Faremos multiplicar o efectivo pecuário. Asseguraremos os direitos dos rendeiros e os direitos dos povos aos baldios.

Iremos descobrir e arrancar ao subsolo riquezas naturais cuja prospecção está por fazer. Dotaremos a pesca nacional de meios adequados de captura, de cooperativas, de uma rede de frio, e caminharemos depressa para que as 200 milhas de águas territoriais aproveitem ao povo português e a Portugal.

Impulsionaremos a indústria, consolidando e desenvolvendo os sectores básicos, reorganizando e reequipando empresas e relançando e realizando os grandes projectos nacionais, ao mesmo tempo que reorganizaremos com eficácia os circuitos comerciais e os transportes.

Toda a nossa política é e será determinada pelo objectivo supremo de criar e construir uma vida livre e feliz ao povo português, e de assegurar o contínuo melhoramento das suas condições de vida, objectivo que orientará a política de salários e preços, a política de emprego, a política de habitação, a política fiscal, a política de investimentos.

A solução dos problemas das mulheres e da juventude terá lugar de relevo com vistas a pôr fim a discriminações, desigualdades e injustiças sociais.

Daremos particular atenção à solução dos problemas das camadas mais desfavorecidas, designadamente dos reformados e deficientes.

Asseguraremos a democratização da instrução e da cultura e organizaremos um serviço nacional de saúde que garanta uma assistência médica efectiva às massas populares.

Aumentando a riqueza nacional produzida pelos braços e a inteligência dos portugueses, produziremos muito do que hoje se importa, aumentaremos as exportações e conseguiremos assim libertar Portugal dos monstruosos défices externos e da carga sufocante das pressões, das ingerências e dos empréstimos do FMI.

Desenvolveremos uma política de diversificação das relações externas de amizade e cooperação, que, sem prejuízo das relações com os países capitalistas desenvolvidos, aprofunde o aproveitamento das grandes potencialidades das relações com os países socialistas, com os países outrora submetidos ao colonialismo português e com os países do Terceiro Mundo.

Firmemente decididos a defender os interesses nacionais e a independência nacional, rejeitaremos ingerências externas na política portuguesa, sejam de Estados e governos, sejam da NATO, e negociaremos com os países do Mercado Comum acordos mutuamente vantajosos, recusando uma integração, ruína para a nossa economia e ofensiva da nossa soberania nacional.

Todos estes objectivos (estamos certos) correspondem aos interesses, necessidades e aspirações do povo português e da nação portuguesa. Podem ser subscritos por outras forças políticas. Podem constituir uma base séria para uma plataforma de um governo democrático.

De qualquer forma, perante o nosso povo, tomamos o compromisso de lutar firmemente pela sua realização.

Não somos dos que têm sempre nos lábios a palavra «democracia» e visam instaurar uma nova ditadura. Não somos dos que escrevem no seu programa «sociedade socialista» e procuram na prática a restauração do capitalismo monopolista.

Em unidade com todos os democratas que se queiram unir aos comunistas, o PCP luta e lutará para a defesa, consolidação e continuação do regime democrático consagrado na Constituição, tendo no horizonte, como objectivo emancipador, uma sociedade de liberdade, de abundância e de cultura, uma sociedade sem exploradores nem explorados, a sociedade socialista.

Ao contrário de outros partidos não é o ódio que inspira a nossa acção, mas o amor ao povo e à pátria.

A alternativa democrática que propomos é um projecto de trabalho, de esforço, de cooperação, de mobilização, de confraternização democrática e popular.

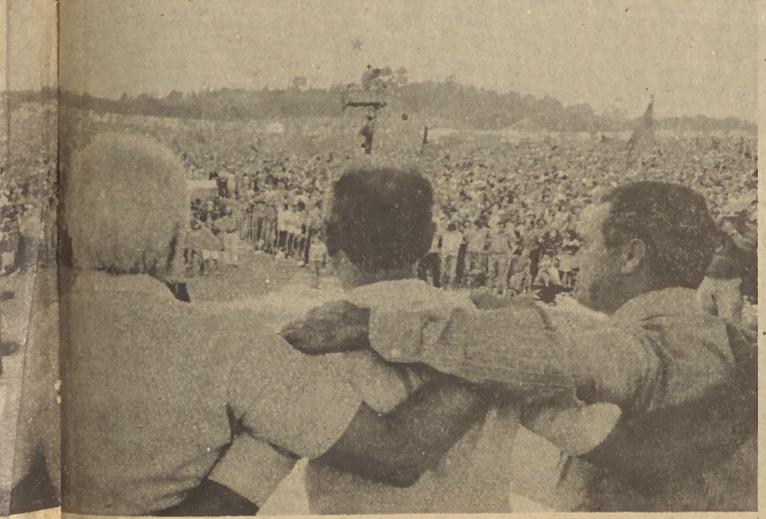
A Festa do «Avante!» é por si um testemunho de que a política do PCP é animada por um elevado ideal de fraternidade humana.

Assim como nesta Festa unimos muitas centenas de milhares de pessoas num mesmo sentimento de amizade, respeito mútuo, solidariedade e interajuda, assim nos propomos unir o povo português na obra de construção do novo Portugal democrático.

Estamos certos de que muitos milhares de visitantes que, não sendo comunistas, vieram à nossa Festa, não foram insensíveis à grande revelação de fraternidade que a Festa inspira.

Todos nos sentimos próximos, immanados, solidários, unidos numa exaltante aspiração comum: defender e continuar Portugal de Abril. Alcançar uma vida melhor para o povo português. Assegurar o futuro livre, democrático, pacífico e independente da nossa Pátria. Alcançar e construir finalmente uma sociedade de liberdade, igualdade e justiça social — a sociedade socialista.

Viva a Festa do «Avante!»  
Viva Portugal de Abril!  
Viva o Partido Comunista Português!



DESPORTO

A Festa do «Avante!» foi também Festa do Desporto. De sexta-feira a domingo, um conjunto diversificado de iniciativas desportivas mobilizou o entusiasmo e a viva participação de largos milhares de atletas, jogadores e assistentes.

Apresentamos nesta página uma breve síntese dos acontecimentos desportivos da Festa do «Avante!»-79, dando assim uma panorâmica necessariamente incompleta, pois as actividades realizadas apresentaram traços de grande riqueza, vivacidade e interesse, cuja abordagem integral se torna aqui impossível.



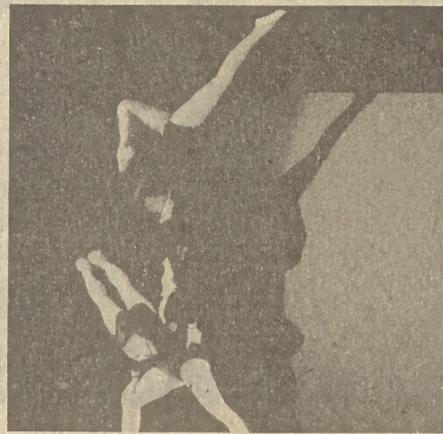
Stand do Desporto

Situado perto do palco 2 e do pavilhão de Xadrez e Damas, o stand do Desporto foi uma presença inéscita na Festa do «Avante!», tendo recebido uma significativa adesão por parte dos visitantes.

Alli esteve patente uma exposição contendo materiais relacionados com a actividade desportiva de alta competição e com o Desporto, Direito do Povo. Funcionou no stand um bar, que foi muito concorrido, e uma banca de vendas com camisolas, bonés, emblemas, livros e outros artigos.

Os camaradas que ali estiveram de serviço distribuíram aos visitantes centenas de programas desportivos da Festa. O stand foi também ponto de encontro e de informação para os atletas que participaram em diversas iniciativas da Festa, nomeadamente na II Corrida e Marcha da Saúde e da Alegria.

Festival Internacional de Ginástica



A ginástica também foi espectáculo

Um dos momentos mais significativos do programa desportivo da Festa do «Avante!» foi, sem dúvida, o Festival Internacional de Ginástica, que decorreu na manhã de domingo, no palco 1, com uma assistência numerosa e entusiasmo que teve oportunidade de apreciar exercícios cheios de beleza, movimento e cor, através da actuação de uma equipa soviética e de um grupo de ginastas húngaras, membros da selecção nacional deste país que esteve presente na última edição do Campeonato do Mundo, em Londres.

Um conjunto de acrobatas da RDA ofereceu também uma bela exibição com números de grande efeito e espectacularidade. Algumas ginastas portuguesas participaram igualmente no Festival, no decorrer do qual foram entregues as taças às equipas que disputaram a final do Torneio de Futebol.



Concorrentes de todas as idades estiveram em Belém para participarem na II Corrida e Marcha da Saúde e da Alegria

Centenas de atletas estiveram em Belém na II Corrida e Marcha da Saúde e da Alegria

Com centenas de atletas das mais diversas idades, e num ambiente de viva amizade, camaradagem e convívio desportivo, decorreu no domingo de manhã, em Belém, com um percurso geral compreendido entre a Torre e a Gare Marítima de Alcântara, a II Corrida e Marcha da Saúde e da Alegria da Festa do «Avante!», que registou os seguintes resultados:

2000 metros masculinos (7 aos 12 anos) - 1.º, Paulo Santinho, «Independente»; 2.º, Paulo Jorge, «Andorinhas»; 3.º, João Nunes, «Andorinhas»; 2000 metros femininos - (7 aos 13 anos) - 1.ª, Paula Santos, «Andorinhas»; 2.ª, Deolinda Antónia, G. D. Bairro Alentejano; 3.ª, Isabel Barroso, «Flechas»; 3000 metros masculinos (13 aos 15 anos) - 1.º, Rui Albuquerque, Mira Sintra, 2.º, Paulo Catarino, Matosinhos; 3.º,



Pelotão compacto a caminho da meta, instalada junto da Torre de Belém, na Corrida e Marcha da Festa do «Avante!»

Ángelo Martins, Pontinha; 3000 metros femininos (dos 14 aos 24) - 1.ª, Ana Paula Rodrigues, Bairro Boavista; 2.ª, Isabel Claudino,

Pontinha; 3.ª, Cristina Santos (Pontinha); 5000 masculinos (dos 16 aos 18 anos) - 1.º, Artur Parreira, G. D. Bairro Alentejano;

Colóquio

«Desporto, Direito do Povo» foi o tema central do colóquio realizado no sábado, ao fim da tarde, no auditório 2, e no qual participaram, entre outros Silva Graça, vereador da Câmara Municipal de Lisboa e secretário de Estado da Juventude e Desportos do V e VI Governos Provisórios, e Melo de Carvalho, inspector superior do MEC e director-geral dos Desportos de 1974 a 1976. Diálogo vivo e animado com vários elementos da assistência foi nota saliente do colóquio, a que compareceu um significativo número de visitantes da Festa.

Três dias de Xadrez

Três dias de Festa, três dias de Xadrez. Foi o que aconteceu no Alto da Ajuda. Na sexta-feira, à noite, duas grandes simultâneas dominaram as atenções no pavilhão daquela modalidade e das Damas. Conduziram as simultâneas o soviético Tamaz Georgadze e Rainer Knaak, da RDA, cada um com 25 tabuleiros. Georgadze registou 22 vitórias e 3 empates. Knaak teve uma derrota, 5 empates e 19 vitórias.

De salientar que um dos cinco jogadores que empataram com o grande mestre internacional da RDA é um jovem xadrezista com apenas 11 anos. Chama-se José Júlio Nunes e, segundo revelou ao «Avante!», começou a jogar Xadrez aos 4 anos, tendo aprendido com uma irmã (que também esteve presente, defrontando o grande mestre soviético, a quem ofereceu uma boa resistência) e com alguns amigos. O empate entre o José Júlio e Knaak resultou de um xeque perpétuo, num conjunto de poucas jogadas que aqui registamos: E4-E5; Kf3-Kc6; Bc4-Kd4; Kxe5-Dg5; Bx17-Re7; Dh5-Dxg2; Tf1-Dxe4+; Rd1-Dxe2+.

Manuel Valadares foi o xadrezista que venceu Rainer Knaak. Entretanto, no sábado,

realizou-se outra simultânea, esta conduzida pelo português Álvaro Pereira, que em 19 tabuleiros empatou 5 partidas.

No sábado e no domingo, a final do Torneio de Xadrez da Festa foi a jornada que mobilizou as atenções gerais no pavilhão. Participaram 94 jogadores e o Torneio realizou-se em sistema suíço, em 8 sessões. Knaak foi vencedor (7,1/5 pontos), seguido de Américo Costa (7), ficando em 3.º lugar Georgadze (6,1/2). Rui Silva Pereira foi 4.º, Correia Lopes 5.º, Georg Kwosek 6.º, Victor Morais 7.º, Bruto da Costa 8.º, João Faria 9.º, João Paulo Leonardo 10.º, Eduardo Valente 11.º e Manuel Curado 12.º.

A derrota de Georgadze frente a Rui Silva Pereira e uma vitória por

falta de comparência do adversário na 7.ª sessão permitiram ao jovem Américo Costa obter o 2.º lugar sem ter defrontado nenhum dos restantes três melhores classificados.

O pavilhão de Xadrez e das Damas registou de sexta-feira a domingo bastante movimento de jogadores e público. Nos intervalos das sessões, realizaram-se muitos jogos entre visitantes. «Este ano, o Xadrez voltou a ser um êxito, mas para o ano tentaremos todos nós fazer ainda melhor, proporcionando condições para que seja ainda mais alargada a presença da modalidade, já destacada nesta Festa e na anterior» - disseram ao «Avante!» dois dos camaradas que estiveram de serviço permanente no pavilhão, Veríssimo Dias e Luis Filipe.

Depoimento ao «Avante!» de R. Knaak e T. Georgadze

Num dos intervalos das sessões realizadas no pavilhão da modalidade e das Damas, a reportagem do «Avante!» teve oportunidade de contactar os dois grandes mestres internacionais de Xadrez presentes: Tamaz Georgadze e Rainer Knaak. Aqui ficam os seus breves

depoimentos: Georgadze - «Apesar da maior parte dos meus adversários aqui na Festa do «Avante!», neste pavilhão, serem amadores, a verdade é que eles possuem um bom nível. Se por um lado, penso que é difícil jogar aqui, com estas condições, devido ao barulho, poeira, muita gente quase em cima dos jogadores, etc, é de



salientar, por outro lado, a experiência muito rica e nova que aqui recolhi, neste ambiente de festa e convívio. Sei que Portugal através neste momento dificuldades diversas, e por isso desejo grandes êxitos a todo o povo trabalhador». Knaak - «É bastante razoável o nível dos xadrezistas que aqui vieram. Tive

5 empates e uma derrota na simultânea... Acontece. É a primeira vez que venho à Festa do «Avante!» e as impressões que levo para o meu país são de alegria e solidariedade. Gostava de ver tudo, aqui no recinto da Festa, onde se vive um ambiente de grande amizade internacionalista, de convívio e de camaradagem.»

Futebol: Belas venceu o Torneio

O Torneio de Futebol da Festa do «Avante!», disputado em praticamente todos os pontos do país, ao longo de dois meses, teve a sua final no sábado à tarde, no campo do Boa-Hora, Futebol Clube, no bairro do mesmo nome, perto do recinto da Festa.

Jogaram as equipas do Centro de Trabalho de Belas (em representação da DORLE) e os «Activos de Pigeiros», de Vila da Feira (representando as Beiras). O «team» de Belas venceu o encontro por 2-0, com golos de Mário, Vítor e Armando. Suplentes: Brito, Pedroso, Marques e Diamantino.

CT de Belas - Fernando; Canário I, Rui, Bento, Toni, Garrincha, Coelho e Canário II; Mário, Vítor e Armando. Suplentes: Brito, Pedroso, Marques e Diamantino. Activos de Pigeiros - Sousa; Lili, Alcino, Chico e Alvarinho; Dias, Américo e Silva; Serafim, David e Adriano. Suplentes: Eduardo, Aurindo, Arménio, Domingos e Manuel Augusto.

O encontro foi disputado com entusiasmo e garra, sendo de



A equipa do CT de Belas, vencedora do Torneio de Futebol da Festa do «Avante!»



O «team» dos «Activos de Pigeiros», de Vila da Feira, segundo classificado no Torneio

salientar, acima de tudo, o espírito de amizade e convívio que esteve dentro e fora do rectângulo. Na Festa foram entregues as respectivas taças e também

lembranças aos jogadores e juizes. Recordamos que o Torneio de Futebol da Festa mobilizou cerca de três mil participantes.

Final do Torneio de Damas reuniu 80 participantes

Com a participação de damistas bem conhecidos no país, decorreu no sábado e no domingo a final do Torneio de Damas da Festa do «Avante!», que mobilizou no pavilhão daquela modalidade e do Xadrez grande entusiasmo e interesse.

A reportagem do «Avante!» recolheu no local impressões de vários participantes, podendo-se afirmar em jeito de balanço que havia uma opinião unânime: a presença das Damas na Festa foi um êxito em todos os sentidos, a começar pelos jogadores que ali foram e que assim tiveram

possibilidades de contactar com muitos outros damistas, contacto esse que é sempre proveitoso, conforme nos salientou Mário Diniz Vaz.

A final do Torneio reuniu 80 jogadores e foram disputadas sete eliminatórias. Aos quartos-de-final, chegaram Veríssimo Dias, Bento Calado, Diniz Vaz, Joaquim Faria, Jaime Pires, Silva Pereira, José Caetano e Medalha da Silva. O encontro da final pôs frente a frente Medalha da Silva e Silva Pereira. O vencedor foi Medalha da Silva, que, tal como alguns dos outros participantes, é do Almada Atlético Clube.

Chinquilho marcou presença

Ao norte do recinto da Festa, num local destinado para o efeito, decorreram sábado e domingo as provas finais do Torneio de Chinquilho com malha grande e pequena. Participaram cerca de 90 concorrentes, tendo-se registado os seguintes resultados: malha grande - vitória do Sport Clube 9 de Abril Lavradiense (Lavrado-Barreiro); malha corrida (prova individual) - venceu o Guerreiro, do «Sempre Fixe», (Barreiro), malha pequena/equipas «A» - vitória do «Sempre Fixe», equipas «B» - vitória do Bairro Gouveia.

A reportagem do «Avante!» ouviu no recinto dos jogos alguns elementos das equipas do Grupo de Chinquilho da Sociedade Cooperativa de Consumo «A Vontade do Povo», da Moita, e do Grupo Sempre-Fixe, que nos salientaram a necessidade de



levar sempre que possível o chinquilho e outros jogos populares às grandes iniciativas de massas, nomeadamente as do Partido. E através do «Avante!», aqueles amigos fazem um apelo:

os jogadores de chinquilho que necessitem de informações contactem os grupos que estão formados e que têm uma actividade regular, como é o caso dos grupos da Moita e do Barreiro.

Raparigas de Leiria mostraram como é...

Pela primeira vez a Festa do «Avante!» também incluiu no seu programa desportivo um encontro de futebol feminino. As autoras da

fação são moças de Leiria, que, assim, levaram à final do Torneio de Futebol da nossa Festa um contributo alegre para um convívio



Uma fase do jogo entre as duas equipas femininas de futebol do distrito de Leiria: «Jovens Vermelhas» - «Mouratos»

futebolístico em que a amizade foi nota saliente.

Dentro das quatro linhas, entregaram-se de alma e coração à luta os «teams» «Jovens Vermelhas», da Marinha Grande, e «Mouratos», de Leiria. Venceram as primeiras por 1-0, golo marcado pela Cidália, que não hesitou... Aliás, muitas das jogadoras evidenciaram um estilo e uma técnica que não deixam nada mal a modalidade...

E aqui ficam os nomes das jogadoras: «Jovens Vermelhas» - Justina; Alice, Regina, Natalina e Felisbela; Beta, Graciete e Ana; Cidália (a do golo); Teresa e Elisabete. Suplentes: Tênia, Cía, Catarina e Mariana. «Mouratos» - Anabela; Aida, Fernanda, Emília Ferreira e Cecília; Emília Lopes, Joaquina e Leonor; Teresa, Vitória e Noémia. Suplentes: Céu e Encarnação.

Halterofilia teve jornada de divulgação

Apesar do intenso calor que se fez sentir no auditório 1 no sábado à tarde e das condições impróprias que os atletas tiveram de enfrentar no estrado, a demonstração-competição de halterofilia realizada na Festa constituiu, acima de tudo, uma excelente jornada de divulgação da modalidade, para o que contribuiu de forma significativa a presença de atletas búlgaros e portugueses.

Registaram-se os seguintes resultados (totais): T. Stoichev (medalha de bronze nos últimos Jogos Olímpicos), 300 quilos; Sarandalliev, 220; Jorge Soares, 215; Baerartarov, 170; José Ildefonso, 65; João Teles (classificação nula).

No final, no meio dos fortes aplausos da assistência, que encheu por completo o auditório 1,

subiram ao estrado os atletas participantes, treinadores, dirigentes da Federação Portuguesa de Halterofilia (organismo que deu uma excelente colaboração à iniciativa) e ainda o camarada João Galacho, representando a comissão organizadora das actividades desportivas da Festa, que ofereceu lembranças a todos os presentes na tribuna.

Duas exposições de Jogo do Pau

A semelhança do que aconteceu o ano passado, a Festa do «Avante!» não esqueceu, no âmbito dos Jogos Populares Tradicionais, o conhecido Jogo do Pau, modalidade que necessita urgentemente de estímulos e apoios para que não desapareça, pois faz parte do património do nosso povo.

Neste sentido, deve-se aqui salientar que, para além de ter constituído motivo de curiosidade, interesse e entusiasmo para os visitantes da Festa, a apresentação do Jogo do Pau no Alto da Ajuda foi também um valioso contributo para a acção de todos quantos, nas diversas regiões do país, mantêm viva a tradição bem portuguesa deste jogo de perícia, ritmo, habilidade e destreza.

Este ano, aquela modalidade teve duas exposições durante a Festa. Aconteceu no sábado, com a participação da equipa de Vinha das Pedras (chefiada pelo mestre José Chula) e no domingo, com a presença de uma equipa da Moita.

De Alcobaça ao Alto da Ajuda Uma Estafeta de 130 quilómetros que atingiu os seus objectivos

«Foi uma jornada de propagação e divulgação da Festa acolhida com grande simpatia nas terras por onde passou.» As palavras são do camarada Mário Gregório, um dos dinamizadores da Estafeta Alcobaça-Festa do «Avante!», iniciativa desportiva que mobilizou um número significativo de atletas tendo em conta as suas características e o intenso calor que se sentiu em todo o país no último sábado.

Aberta a todos os interessados (clubes, colectividades, associações, núcleos desportivos de empresas, bairros, sindicatos, comissões de trabalhadores, etc.), a Estafeta reuniu dezenas de atletas de Alcobaça, Marinha Grande e Leiria, entre os quais mulheres e muitas crianças. Partiram da Praça 25 de Abril, em Alcobaça, às 9 e 45 e chegaram a Lisboa por volta das 20 horas. Entraram no recinto da Festa (lado norte) às 20 e 30, dirigindo-se,

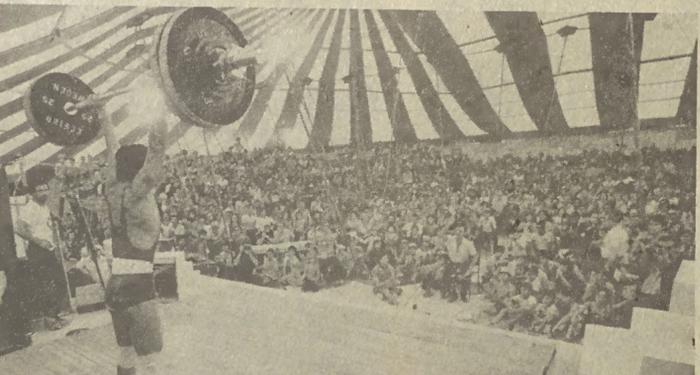
calorosamente aplaudidos e saudados, para a zona do palco 1 e dos pavilhões da DORLEI, passando pela Praça da Liberdade, Praça da Resistência e Avenida Marx-Engels.

Da caravana faziam parte três automóveis de apoio, sendo para os atletas o percurso mínimo de mil metros e o máximo de 10 mil. Tal como nos salientou o camarada Mário Gregório, «os atletas faziam uma determinada distância e

passavam o testemunho a outros que os aguardavam. Mais adiante, após um merecido descanso, voltavam à corrida. E assim sucessivamente... Na Festa, entraram todos juntos.»

Para trás ficaram cerca de 130 quilómetros, num percurso com passagem por Caldas da Rainha, Óbidos, Bombarral, Torres Vedras, Malveira, Loures e Póvoa de S. Adrião. Na área da DORLEI

o reportagem do «Avante!» teve oportunidade de ouvir alguns dos participantes na Estafeta, que, apesar de cansados, não hesitaram em falar com o repórter, salientando principalmente o convívio e a amizade, e «a experiência diferente de vir de Alcobaça até à Festa desta maneira», além da imensa alegria que tiveram «ao serem assim recebidos, de forma tão calorosa, pelos visitantes».



A halterofilia entusiasma muitas centenas de pessoas, sobretudo jovens. E até as crianças lá estão, a sonhar, talvez, vir um dia a ultrapassar o esforço do atleta

# OS ESPECTÁCULOS

## Os artistas da Festa

Os espectáculos realizados este ano no âmbito da Festa do «Avante!», e que decorreram nos palcos 1 e 2, constituíram apenas um dos múltiplos pólos de atracção para as centenas de milhares de pessoas que durante três dias passaram pelo Alto da Ajuda.

Mas este «apenas» foi, ainda, mais uma demonstração da capacidade dos comunistas em articular em mais de sessenta horas de espectáculo simultâneas e ininterruptas cerca de cinquenta actuações em que participaram perto de quatro centenas de artistas de Portugal e de vários pontos do mundo, organizados em colectivos ou actuando individualmente.

Tal como aconteceu em relação a toda a Festa, também o espírito que presidiu à montagem dos espectáculos e à escolha, sem preconceitos, dos artistas que este ano quiseram e puderam estar conosco contribuiu para dar ao conjunto de todas as actuações um carácter de grandioso mosaico de estilos e géneros unidos por um traço comum: a sua elevada representatividade artística e profissional nos vários campos do espectáculo ali presentes e, na generalidade, a responsabilidade ideológica e as posições de princípio dos seus protagonistas

e das formas culturais e musicais que estão na raiz das suas propostas artísticas como representantes de culturas, povos e movimentos de opinião organizados.

Um outro traço fundamental dos espectáculos foi a capacidade operativa para, com a naturalidade que não se sente, através de meios simples mas eficientes e engenhosos, procurar garantir, quase sem quebra de ritmo e assegurando o cumprimento dos horários, as disponibilidades técnicas - funcionalidade dos palcos, som e luz - que permitissem aos artistas as melhores condições possíveis para as suas actuações, sobretudo no que se refere aos artistas portugueses tantas vezes naturalmente privados, na sua actividade militante, dessas condições.

Como ficou patente perante os olhos de todos, também os espectáculos da Festa do «Avante!» contribuíram para alargar a possibilidade de fruição de formas musicais e de espectáculo as mais diversas, algumas ainda restritas a camadas privilegiadas da população; tudo isto assente no espírito democrático e colectivamente

disponível por parte do público mais diversificado e no escrupuloso respeito pela capacidade de descoberta e de criação auditiva e visual face a muitas vezes desconhecido; tudo isto, afinal, decorrente de uma opção de dimensão do espectáculo que nasce da perspectiva de uma cultura de massas verdadeiramente democrática e participada, só própria dos comunistas.

Aliada à experiência dos anos anteriores, a experiência deste ano vai-nos ajudar a criar novas e melhoradas modalidades de espectáculo para que a Festa continue a proporcionar no futuro novos saltos qualitativos na criação dinâmica do que é já hoje realidade - uma manifestação cultural, artística e de massas, única no nosso país, como é a Festa do nosso «Avante!».

O registo fotográfico aí fica, como demonstração da unidade na diversidade de dezenas de artistas nacionais e estrangeiros que, no Portugal de Abril, em solidariedade com ele, e em outros pontos do globo, se encontram immanados na luta pela paz, pela fraternidade entre os homens, por um mundo melhor, por uma sociedade mais justa e mais livre.



Richie Havens (EUA)



Carlos Paredes com Fernando Avim e Carlos Alberto Moniz



Mercedes Sosa (Argentina)



Conjunto soviético



Jabula (África do Sul)



Max Roach (EUA)



Gwendal (França)



Sérgio Ortega e o Taller Recabarren (Chile)



Mike Glick and The New Song Trio (EUA)



Carlos do Carmo



Hauff-Henckler (RDA)



Banda do Barreiro



Carlos Paulo e os Grupos Geta, Enigma, Abril e Charanga



Madalena Leal, Maria do Amparo, Carlos Alberto Moniz, Samuel, José Jorge Letria



Manuel Freire, Mário Viegas, Luís Clívia



Ary dos Santos e Fernando Tordo



Fernando Farinha



Adriano Correia de Oliveira



Alfredo Vieira de Sousa



Conjunto Sami Swoi com Tomasz Stanko (Polónia)



Bombo de Lavacinhos



Brigada Victor Jara



Os «Ceifeiros» de Cuba (Alentejo)



Conjunto Plavci (Checoslováquia)



Spartakus (RDA)



Grupo Trovante



José Carrapa, Carlos Mendes, Edmundo Silva, Paulo de Carvalho

AS ORGANIZAÇÕES

As Organizações do Partido trouxeram à Festa a realidade de Portugal e do seu povo

Foi a Festa que trouxe Portugal a Lisboa. Na Festa centenas de milhares de visitantes puderam ver a realidade do seu próprio país, nos seus múltiplos aspectos - o trabalho, as lutas, a arte. Muito mais que a realidade sobre os comunistas e o seu combate, as organizações do Partido trouxeram toda a riqueza de que se compõem Portugal e o seu povo, de Norte a Sul, do Continente às Ilhas. E mesmo os portugueses que no estrangeiro vivem e trabalham trouxeram à Festa as imagens do que é viver longe daqui.

ao Alto da Ajuda instrumentos de trabalho dos mineiros de Pejão e da Panasqueira, dos camponeses, dos salineiros de Aveiro, e dos pescadores da Figueira da Foz, que completavam muito bem a exposição política, retratando um ano de lutas do movimento popular de massas na região.

«Um ar que lhes deu», é o mínimo que se poderá dizer ao constatar os lugares vazios nos diversos expositores dos pavilhões onde se vendia o artesanato de Castelo Branco, os trabalhos de madeira da Penacova, os «cobres» de Oliveira de Azeméis, os vimes de Castelo Branco e a louça de Viseu. De salientar o facto das camaradas terem divulgado trabalhos em madeira de Penacova, em risco de deixarem de ser feitos, caso os artesãos não tenham o apoio e o incentivo das entidades oficiais.

Mesmo das regiões mais difíceis das beiras veio gente à Festa. Muitos tiveram de vencer dificuldades de monta, nomeadamente no aluguer de camionetas. Eram milhares aqueles que estiveram na jornada do Alto da Ajuda. Muitos não estão filiados no Partido, tendo ficado com uma ideia mais precisa da imagem, da capacidade e dos objectivos dos comunistas. Os locais onde se vendiam os apreciados petiscos da região foram o destino de milhares e milhares de pessoas e o ponto de encontro de muitos habitantes das Beiras forçados a viver fora da sua terra.

As organizações regionais das Beiras e do Algarve instalaram um palco juntamente, por onde desfilarão os ranchos do Baixo-Vouga, os gaiteiros de Coimbra, os bombos de Lavacinhos (Beira Baixa) e outros artistas, sempre aplaudidos por milhares e milhares de pessoas. De salientar o facto dos «camaradas de Gonçalo (Guarda) terem aproveitado o ensejo para, durante os três dias da Festa, arrecadarem mais fundos que lhes permitam adquirir

um terreno para construírem o seu Centro de Trabalho.

Leiria Quem passou em Leiria, nas últimas semanas, não deixou de admirar o enorme painel colocado na encosta do Castelo, anunciando a Festa. Mesmo antes dos camaradas que o pintaram terem projectado e executado o mural, «que se via a léguas», já muito havia sido feito para a Festa. «Do que aqui vê, o Partido só comprou o vinho e as codornizes. O resto (milhares e milhares de artigos) foi tudo oferecido», dizia-nos uma camarada da DORLEI, na tarde de domingo.

Na Praia da Foz do Arelho, nos Centros de Trabalho do distrito, nas casas de muitos camaradas e amigos, nos «porta-a-porta», foram feitos e angariados os artigos e fundos que possibilitaram encher as estantes e despensas dos stands e bar da DORLEI. As 21 horas de sábado, já se tinham esgotado quatro mil prendas e 60 mil rufas na quermesse. Pouco antes do comício, às 17 e 30, a tómbola girava para a sua centésima oitava série, onde eram atribuídos bustos de vidro de Lenine.

No bar, sem mãos a medir, os camaradas vendiam sardinhas (oferecidas pelos pescadores de Peniche), carne de porco, morceles e outros petiscos (dez «suiños mortos e desmanchados de propósito para a Festa), codornizes, frango de cebolada, etc. Ali como em quase todos os locais onde eram vendidos comensais e bebês havia muita gente que, calmamente, aguardava a vez para saciar a fome e a sede.

Interrompendo por momentos a sua actividade, dois camaradas manifestaram-nos a sua alegria pelo êxito que estavam a alcançar, quer no plano político, quer no plano económico. De registar, o facto da DORLEI ter optado pela compra do ferro (700 metros) e das placas de madeira indispensáveis para a implantação de um seu representação. «Tudo o que aqui

vês», diziam-nos apontando para os stands e bar, «é nosso. Já temos material para o próximo ano». E lá foram para a sua tarefa.

Santarém

Do distrito de Santarém vieram artesanato, petiscos e experiências acumuladas nos seus 31 concelhos, todos representados no espaço reservado à ORSA no Alto da Ajuda, situado entre o pinhal, a Praça da Resistência e a Avenida Marx-Engels. Os produtos expostos nos stands e a vendidos bares eram, na sua maioria, o resultado da solidariedade e apoio manifestados ao Partido pelo povo e os trabalhadores da região, angariados durante inúmeros «porta-a-porta».

Para se ter uma ideia da magnitude do êxito alcançado pelos camaradas da ORSA, registre-se que, só no mercado da Reforma Agrária, cerca das 15 horas de domingo, já se tinham sumido dois mil quilos de uvas, sete mil quilos de melão, oito mil quilos de batata. Isto, sem falar nas enormes quantidades de queijo da serra, de cebolas, de outros produtos agrícolas e das sete toneladas de melão divididas em fatias no restaurante e bar oferecidos por camaradas e amigos meloeiros de Alpiarça.

Festa do Partido dos Trabalhadores, ao longo do recinto da Festa encontravam-se inúmeras peças e máquinas industriais que eram autênticas relíquias, como aquele tear de Minde (Alcanena). Tal como já havia sucedido na Festa da Alegria, em Braga, também agora foi um sucesso o Tomo de Pernes (Santarém), manobrado por quatro camaradas. Pensando no futuro, a organização local planeia adquirir um tomo de modo a poder estar sempre presente onde haja festas do Partido.

Os camaradas, muitas centenas, que garantiram o funcionamento dos diversos stands, bares e restaurantes, não tinham mãos a medir. Quase todos ali estavam desde quinta-feira. Cansados, com os olhos a mostrarem muitas noites dormidas ali continuavam na sua azáfama. Também naqueles serviços se vivia a sua amizade e camaradagem entre comunistas e não comunistas.

Lisboa

De «Lisboa» via-se todo Portugal. Com efeito, os pavilhões da DORL, reunidos à volta da Praça Cidade de Lisboa, abriram-se para a vasta panorâmica da Festa e dali se descobriam as centenas de milhares de pessoas visitando, participando na imensa festa. Os largos pavilhões dos grandes sectores, com as suas exposições, e os stands de comensais e bebês e restaurantes, chegados já à sombra das árvores que delimitavam o terreno da Ajuda, abriram-se à curiosidade do visitante, durante quase três dias. Semelhante, por toda a parte era a fraternidade e a alegria. De vez em quando um rancho saio passava para ir actuar e era saudado com palmas. Era difícil aproximarmo-nos tanto dos pavilhões de exposição e venda da artesanato como dos próprios comensais e bebês. A longa bicha para as senhas é já quase uma instituição na Festa, em todos os sectores, e os milhares de visitantes munem-se de paciência, assim como os camaradas que ostentadamente fazem dos dias de festa longos dias de trabalho voluntário. No stand de Loures, os camaradas inventaram um novo sistema: tudo ao mesmo preço, a comida em «pirezinhos»,

a bebida ao copo; alguns camaradas, à volta dos stands com maletas à tiracolo, vendiam senhas. Poupava-se tempo a todos. No bar do sector intelectual, próximo de um auditório ao ar livre, muita gente se aglomerava, bebendo a cerveja ou o café, comentando, aproveitando a sombra para descansar antes de mais uma volta pela festa.

Setúbal

Operários da indústria naval ou corticeiros da zona da Reforma Agrária, pescadores de Sesimbra ou de Setúbal ou outros lugares da Costa, muitos camaradas, homens e mulheres, organizados pela DORS, levantaram o seu distrito numa vasta zona da Festa, mostrando as realizações, do seu trabalho, a arte do povo da região, as realizações que, nas autarquias ganhas pelo Povo Unido, foram levadas avante contra as sabotagens do poder central.

Cada concelho tinha o seu pequeno pavilhão de comensais e bebês, para além do grande restaurante da DORS que foi construído e mantido pela Célula da Setenave e onde era um nunca parar de refeições.

Os concelhos, num bem concebido sistema de módulos ligados uns aos outros, apresentavam as suas exposições, com fotografias e textos e objectos de artesanato. E como ninguém queria fazer a sua visita sem levar uma recordação, as bichas formavam-se para as «caixas». Louça, cortiça, renda, madeira e couro, objectos fabricados expressamente para a festa ou adquiridos nas diversas regiões para ali serem vendidos, era uma profusão de objectos onde estava patente a imaginação.

Alentejo

O Alentejo lá estava, à beira da Reforma Agrária, à volta da praça onde se ergulam os monumentos ao trabalho e ao consumidor a maior e mais preciosa conquista de Abril. Para além dos pavilhões onde se podiam provar os vinhos e os petiscos de uma região rica em tradições culinárias, havia a exposição política.

Na exposição dois aspectos contrastavam. Um deles era o labor das sementeiras e das colheitas, o trabalho de desbravar as terras e torná-las produtivas. Os êxitos já alcançados, as vitórias da gestão dos trabalhadores, os avanços nos sistemas de produção, com novas máquinas e obras de rega; outro aspecto era o negativo: as fotos abundantemente mostravam os ataques ferozes que os sucessivos governos desfecharam contra a Reforma Agrária. Cães e guardas, a mando de Barreto ou de Vaz Portugal, ora na tentativa voraz da recuperação latifundista, ora no avanço global contra os trabalhadores do campo, destruíram, espancaram, conseguiram diminuir resultados que poderiam tornar mais fácil a vida dos portugueses.

Desses dois aspectos sobressaía porém um mais esclarecedor ainda: é que nada pôde quebrar a vontade e o ânimo dos operários agrícolas do Alentejo. Foi esta a verdade que eles trouxeram à Festa do seu Partido. Foi essa a verdade que pudemos todos ver no corvívio com os camaradas do Alentejo.

Algarve

Como já é tradicional o Algarve encheu-se de gente, quer dizer, os stands vários de artesanato e de especialidades regionais, os



Os «stands» das organizações regionais registaram um val-vpm contínuo de visitantes que paravam, apreciavam, trocavam impressões

restaurantes, os vários pavilhões, enfim, que a Organização Regional de Algarve trouxe à Festa encontraram-se, desde a abertura das portas, a braços com os milhares de visitantes.

No Sector do Algarve, em frente do qual, no Palco que simultaneamente servia para a DORL, ranchos algarvios traziam a animação àquela zona, os aplausos estalavam.

No domingo, os pavilhões que antes se encontravam recheados com os doces, os bolos, o café e o medronho, esgotavam as suas provisões.

A ameijoia acabou cedo, também, logo substituída pelo berbigão com carne de porco. Os mariscos também levaram sumiço, acompanhados de cerveja fresca. E a animação não parou, entretanto, à volta do Algarve que, da serra ao mar, os camaradas trouxeram à Ajuda, com o seu esforço, procurando dar uma ideia da realidade regional e, ao mesmo tempo, contribuindo para que o êxito desta festa fosse maior. Como realmente aconteceu.

Com o seu artesanato próprio, as camaradas açorianas foram alvo da atenção de muitos visitantes que se demoraram nos stands.

Num alpendre coberto com ramaria de eucalipto, o agradável stand dos comensais e bebês acolheu o permanente convívio dos que ali quiseram saborear o queijo do Pico, a morcela, as rodela de ananás.

A exposição trouxe à Ajuda alguns aspectos da vida Açoriana e do combate dos comunistas.

Finalmente, o encontro-convívio previsto para o auditório 3, realizou-se no domingo. Eram 14 e 30 quando começou e registaram muitas presenças. Além da participação de camaradas da Direcção da Organização da Região Autónoma dos Açores, o encontro contou com uma parte artística, em que participaram o conjunto «Círiaco», o Carlos Alberto Moniz e a Maria do Amparo.

Madeira

«Se os transportes entre o continente e a Madeira fossem outros, isto é muito melhores, a nossa participação na Festa seria diferente e poderíamos apresentar muitos outros produtos do artesanato regional», salientou ao «Avante!» um dos camaradas que assegurou o funcionamento do stand da DORAM.

Açores

Vieram das nove ilhas do Atlântico e tiveram, como todas as regiões de Portugal, o seu lugar na Festa, a representação da vida e do trabalho dos Açores.



O símbolo da Festa visível em todo o recinto erguia-se na «baixa» da cidade e servia como local de repouso para os mais fatigados

De facto, a meio da tarde de domingo, já ali não havia nada. Nos expositores guardavam-se muitas coisas que incomodavam ou pesavam a visitantes e que ali os deixavam por algum tempo... Onde nos dois primeiros dias estavam chapéus de palha, vimes, bordados e outros produtos do artesanato madeirense, só se viam emburanhos, máquinas fotográficas e outros objectos. Esta uma imagem esclarecedora do sucesso alcançado pelos camaradas da ORAM. A hora do sortelo que promoveram, apenas tinham para vender rufas de uma mobília de sala em vime. O restaurante, onde na noite de sábado jantou o camarada Alvaro Cunha, teve intenso movimento. No primeiro dia, em 90 minutos, foram vendidos 150 quilos e carne para as apreciadas espetadas. Este número, aos 16 horas de domingo, já atingia os 800 quilos...

Uma escultura que testemunhava as difíceis condições em que labutam os trabalhadores das vinhas da Madeira eram muito apreciadas pelos quantos se dirigiam para o stand e restaurante da DORAM, significativamente sediado na Praça da Liberdade. A propósito, teciam-se comentários acerca da pressão a que ainda estão sujeitos os habitantes da Madeira, imposta por Jardim e cia. Eram inúmeras as manifestações de solidariedade, transmitidas aos camaradas daquela região autónoma.

Madeira

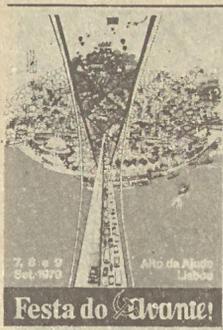
«Se os transportes entre o continente e a Madeira fossem outros, isto é muito melhores, a nossa participação na Festa seria diferente e poderíamos apresentar muitos outros produtos do artesanato regional», salientou ao «Avante!» um dos camaradas que assegurou o funcionamento do stand da DORAM.

Emigração

Da emigração veio o calor da fraternidade de quantos nos países estrangeiros, em condições muitas vezes difíceis labutam e vendem a sua força de trabalho, os que saíram de Portugal mas não o esquecem e trazem a maior festa do país a solidariedade da sua luta. Os que trouxeram também os problemas que vivem, marginalizados pelos governos capitalistas e que não têm recebido a ajuda do seu próprio governo.

Com simplicidade, mas não sem imaginação, os camaradas emigrados vieram à Festa do «Avante!», com o seu pavilhão próprio e o seu stand de comensais e bebês, com as prendas que vendiam e que ficaram nas mãos de muitos dos visitantes como recordação de que, por esse mundo fora, muitos milhares de portugueses, embora longe, não deixam de dar a sua contribuição para a luta que é de todos, que não queramos deixar de estar presentes através daquela representação, à Festa que é a maior do seu país.

Uma das originalidades desta representação foi a passagem, através de um aparelho de TV a cores, de um vídeo-cassete que mostrou uma grandiosa festa, promovida e realizada na Bélgica, em Março último e durante a qual muitos milhares de portugueses, organizados em mais de 30 associações de emigrantes, demonstraram o seu apoio à CGTP/IN.



Norte

Logo à entrada do vasto recinto, junto da Alameda das Conquistas de Abril e da Praça da Resistência, encontrava-se a representação das Organizações Regionais do Porto, do Minho e de Trás-os-Montes. Uma exposição com metros de algumas dezenas de metros mostrava sucintamente aspectos significativos de um ano de luta do Movimento Popular de Massas do Norte. Mesmo ao lado, uma reprodução de uma máquina para amaciar os tecidos de linho e de lã, da região de Santo Tirso, retratava um pouco a história de uma fase da indústria têxtil na Corda do Ave.

Quem andava pelo local tinha uma ideia das Festas e romarias nortenhas, através das tradicionais tendas e dos arcos iluminados. De facto, nos 16 stands de venda estavam alguns dos mais apreciados e conhecidos produtos do artesanato da região compreendida entre o Douro e a fronteira espanhola, para ali levados pelas camaradas das três novas organizações regionais, formadas na sequência da descentralização da ORN.

As vezes nas festas compram-se objectos e artigos com utilidade imediata. No entanto, para alguns (muitos) visitantes o stand da Povo do Varam teve utilidade imediata, sobretudo na 6.ª feira, quando apendidos desprevidos com as «variações climáticas» (não leram o que várias vezes escrevemos?), correram para comprarem as conhecidas camisolas poveiras que, rapidamente, se esgotaram nesse dia.

Aliás, o mesmo sucedeu com inúmeros produtos (esmagadora maioria) expostos, desde os barros e louça de Barcelos às botas de Felgueiras, até muitos outros produtos que não voltaram à origem e deixaram vazios dezenas de caixotes. Idêntico sucesso tiveram, aliás, os petiscos de toda a região e o respectivo acompanhamento líquido.

Beiras

Com menor espaço disponível, mas melhor aproveitado, os camaradas das Organizações Regionais da Beira Litoral e da Beira Interior trouxeram à Festa uma inovação muito apreciada. Sinal da crescente influência do Partido, os camaradas levaram até



As autarquias locais tiveram também a sua representação na Festa. Muito visitada, a do Barreiro mostrava algumas realizações da APU e participava na vaga geral de apoio ao esforço popular para a consolidação e avanço da democracia

A campanha dos 20 mil contos em força no Alto da Ajuda

A Campanha dos 20 mil contos para uma sede à altura do Partido no Norte esteve em força na Festa, permitindo à multidão que, durante três dias, passou pelo Alto da Ajuda contactar com esta importante tarefa em que se encontram empenhados os camaradas do Norte e manifestar de uma forma muito significativa a sua solidariedade, possibilitando uma redução da caminhada para a meta.

Foram horas e horas de solidariedade, que culminaram com 15 minutos de «suspense», quando a camarada Virgínia Moura deu o primeiro e último impulso para fazer andar a «roda» para achar os três premiados com um automóvel, uma máquina de lavar roupa, atribuídos aos possuidores dos números 22 739 (vinte e dois mil setecentos e trinta e nove), 90 883 (noventa mil oitocentos e oitenta e três) e 24 175 (vinte e quatro mil cento e setenta e cinco), respectivamente.

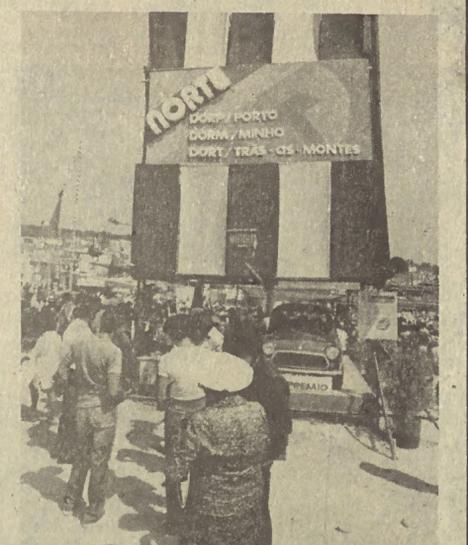
Nas imediações da grande torre de 12 metros, com o símbolo da Campanha, ali à Praça da Resistência, centenas e centenas de camaradas aproveitavam os bilhetes para o Grande Sorteio. Ajudar o Partido e tentar a sorte era o objectivo dos muitos milhares de visitantes que não quiseram deixar de adquirir

bilhetes, até às primeiras voltas da «roda».

Terminado o gigantesco comício, muitos foram os que aguardaram junto da Torre da Campanha o início do sorteio. Falava-se de tudo: desde a importância da jornada acabada de ser vivida, à escandalosa tentativa de retirar ao Partido a sua mais importante sede do Norte e da importância dos avanços registados pelo PCP naquela região. Eram muitos aqueles que ainda compravam bilhetes. De súbito, só se ouvia a «roda» a fazer a primeira das suas 15 «corridas», atentamente seguidas pela pequena multidão apinhada no local.

Mal o último «dos» acabou de ser anunciado, começaram a ser inúteis os papeizinhos que eram criteriosamente lidos à medida que os números iam sendo cantados. O sorteio terminava e prosseguia a solidariedade. Chegavam-se junto da banca e entregavam dinheiro. «O sorteio já terminou». «Não importa. É para ajuda do novo Centro de Trabalho». Estas as frases trocadas entre camaradas e amigos empenhados em dar ao Partido no Norte uma sede à altura da sua influência e prestígio.

Para finalizar, um aviso aos contemplados do Grande Sorteio: os prémios devem ser reclamados no prazo de um mês.



Um dos atractivos que o Norte trouxe à Festa foi, sem dúvida, a Campanha dos 20 mil contos, com o seu Sorteio. A solidariedade para com a iniciativa dos camaradas que querem para breve o novo Centro de Trabalho do Norte, e também o entusiasmo de visitantes se aglomeraram. Os prémios deste sorteio devem ser reclamados até 9 de Outubro na Comissão Coordenadora da Campanha, Rua Aníbal Cunha, 94, Porto

Reforma Agrária: levar um pouco para casa

Sucedeu no domingo à tarde, pouco faltava para o início do comício, a multidão acotovelava-se, aglomerava-se por toda a parte, cobrindo de um colorido variado e em movimento, todos os espaços da festa. Misturando-se com o som dos atifalantes, com as canções, os anúncios das tómbolas e das rifas, o rumor das vozes, dos risos, as saudações dos amigos num reencontro, todo o rumor da gente que indo à festa, faz dela em cada ano, a maior Festa de sempre.

Sucedeu domingo, à tarde. E foi quando neste rumor de vozes e passos, de entusiasmo e alegria, ouvimos, no espaço da DORA, um pal contar aos seus dois filhos como da espiga nasce o pão, por obra do homem dominando, controlando a natureza. Mostrando a espiga na sua mão de trabalhador, este pal destacou cada grão aos olhos maravilhados, atentos dos filhos - crianças da cidade - e contou-lhes esta aventura da terra, esta aventura do homem produzindo e transformando.

Eram aliás os molhos de espigas, três enormes molhos colocados perto de um tractor, quase em frente do magnífico monumento ao trabalhador da terra - um conjunto de figuras talhadas em esforço e dureza, homens maneando à enxada - um símbolo da Reforma Agrária no espaço da DORA. Quem passava dizia aos familiares, aos amigos: «Este é trigo das Unidades Colectivas».

implantados quase junto às espigas, duas árvores possantes, de membros decepados, reduzidas ao tronco principal coberto por cortiça já feita. E mesmo em frente dos molhos de espigas, dos sobeiros, do tractor e de uma enorme pipa cheia de água onde muita criança chapinho e brinco, o vasto stand de produtos regionais com uma amostragem do artesanato do Alentejo que é, sem dúvida, das mais significativas.

No pavilhão central, gráficos e fotos esclareciam toda a gente



Na foto quase se não distingue quem compra e quem vende. Apenas que, do lado de fora do «balcão», há mais gente. Todos quiseram passar no mercado da Reforma Agrária, trazer para casa os produtos de um esforço heróico, ao preço livre de intermediários. Os trabalhadores compraram aos trabalhadores

Alá par dos barros de Évora, dos instrumentos de trabalho dos bonecos de madeira, era igualmente a cortiça que fazia vista, que atraía à compra - a cortiça produzida nas unidades e cooperativas pelos trabalhadores da Reforma Agrária e depois transformada, umas vezes por acção dos operários da indústria, outra - e neste caso de uma

maneira primordial - trabalhada por simples artesãos. Do outro lado, o painel comemorativo da Reforma Agrária. Iluminando de cór, sobressaindo de forma gigante, as figuras de um homem e de uma mulher, as mãos aproximando-se em torno do trigo, em torno da produção, batalha na qual e pela qual se faz também a Reforma Agrária e se ganha.

Assim levamos para casa um bocadinho da Reforma Agrária!

sobre as profundas alterações ocorridas nos distritos alentejanos com a Reforma Agrária, mostravam como esta conquista da revolução traz em si a possibilidade de novas culturas, de melhor e mais racional aproveitamento do solo, a inovação, o arrojo dos trabalhadores construindo barragens, abrindo albufeiras,

# Semana

**5** Quarta-feira 1857 - Morre o filósofo francês Augusto Comte.

**Rádio Hanói** descreve a situação da fronteira norte do Vietname com a China como muito grave, informando que a China tem ainda 12 divisões e seis corpos do Exército, totalizando provavelmente mais de 400 000 homens, concentrados perto da fronteira vietnamita. Forças especiais de «carabineros» dispersam violentamente a maior manifestação de sempre realizada em Santiago do Chile contra o regime fascista de Pinochet, tendo sido presas mais de cem pessoas, que ficaram às ordens da «Justiça Militar». Enric Berlinguer, secretário-geral do PCI, que se encontra de férias na URSS, é recebido pelo presidente soviético Leonidas Brejnev, tendo os dois dirigentes denunciado, durante a reunião, as campanhas difamatórias contra os países socialistas. Tropas iranianas e «guardas islâmicos» entram na cidade curda de Mahabad, enquanto as populações das aldeias curdas tomam o caminho das montanhas. Registram-se violentas confrontações em San Sebastian (Espanha) entre a polícia e grupos de manifestantes, que protestavam contra a actualização da actuação das forças repressivas nos últimos dias. O presidente Sadat, do Egipto, começa a sua 3ª visita a Israel afirmando ter o «compromisso moral» de incluir os palestinianos no «processo de paz» do Médio Oriente. Tropas racistas da Rodésia atacam a República Popular de Moçambique ao longo do rio Limpopo, numa operação de grande envergadura que já vitimou civis; as forças populares estão a resistir ao invasor racista, tendo já abatido um helicóptero. Andrew Young parte para África, na sua última missão diplomática como embaixador dos EUA nas Nações Unidas.

**6** Quinta-feira 1968 - A Suazilândia, antiga colónia britânica, torna-se independente.

Israel e o Egipto concordam em utilizar unidades militares mistas para controlar o processo de paz no Sinai, em vez de tropas de uma força internacional, o que constitui uma concessão do governo egípcio, que há dois meses recusara esta proposta. Tropas governamentais iranianas entram na cidade curda de Sardasht, após esta ter sido abandonada pelos combatentes autonomistas e pela maior parte dos 20 000 habitantes da cidade. Termina a visita de Sadat a Israel, sem que houvesse qualquer acordo entre os dois «parceiros de paz» sobre as questões da autonomia palestiniana e a autonomia de Jerusalém. Um comunicado da Frente Polisário publicado em Argel anuncia que foram mortos 52 soldados marroquinos no passado dia 4, durante um ataque à guarnição de Touzguim, situada no Qued, Draa, no Sul de Marrocos. É anunciado que o presidente Carter decidiu libertar, incondicionalmente, Lolita Lebron e mais três outros nacionalistas porto-riquenhos presos há 25 anos nos EUA, sendo os presos políticos mais antigos do Continente Americano. Em comunicado publicado em Londres, a Amnistia Internacional considera que o número de pessoas desaparecidas no Chile se elevaria a cerca de doze mil.

**7** Sexta-feira 1822 - O Brasil torna-se independente.

O reverendo Robert Runcie, bispo de St. Albans, é nomeado arcebispo de Cantuária, tomando-se chefe espiritual da Igreja anglicana. Os racistas rodesianos registam o maior número de baixas sofridas numa só operação contra guarnições nacionalistas desde o começo da guerra; há sete anos, neste último ataque, a Moçambique que dura há dois anos no vale do Limpopo, onde foi abatido um helicóptero com os seus treze ocupantes. É noticiado na imprensa que as autoridades sionistas prenderam 70 pessoas suspeitas de actividades guarniões, incluindo um filho de um adepto da OLP que se avistou a semana passada com o ministro dos NE de Israel, Moshe Dayan. Milícias fascistas libanesas apoiadas por tropas sionistas atacam vários aldeões do sul do Líbano controladas por forças das Nações Unidas. O governo japonês, chefiado por Masayoshi Ohira, decide, formalmente, dissolver o parlamento e convocar eleições antecipadas para um ano antes da data prevista.

**8** Sábado 1943 - Os nazis enforcam Julius Fucik, jornalista checoslovaco; posteriormente esta data passou a ser assinalada como o Dia do Jornalista Democrático.

A emissora moçambicana informa que as tropas racistas rodesianas retiraram do território da RP de Moçambique depois de terem sofrido pesadas baixas em consequência da contra-ofensiva lançada pelas Forças Armadas de Libertação de Moçambique (FALM). Três «piratas do ar» libaneses, que haviam desviado um avião da «Alitalia», rendem-se às autoridades iranianas no aeroporto de Teerão.

**9** Domingo 1948 - É proclamada a República Democrática da Coreia.

Após cinco dias de reunião em Blackpool, o Congresso dos Sindicatos Britânicos decide lançar uma campanha contra a política social e económica do governo conservador chefiado por Margaret Thatcher. A questão dos colonatos judaicos ilegalmente implantados nos territórios árabes ocupados agrava as cisões no seio do governo chefiado por Begin, tendo o vice-primeiro-ministro Yigal Yadin ameaçado demitir-se e chamado «mentiroso» ao ministro da Agricultura, responsável pela política de colonização dos territórios árabes. Termina em Havana, às primeiras horas de hoje, a Cimeira dos Não-Alinhados, um dia depois do que estava previsto, com a aprovação de uma declaração final em que o movimento afirma que a luta pela paz está intrinsecamente ligada à luta contra o imperialismo, colonialismo, neocolonialismo, «apartheid» e racismo, incluindo o sionismo e todas as formas de ocupação, domínio e hegemonia estrangeiros. Lisandro Otero, porta-voz da Cimeira dos Não-Alinhados, anuncia que os acordos de Camp David e o tratado israelo-egípcio foram condenados em Havana pela Cimeira e que a reunião dos ministros dos NE do Movimento tomará uma decisão sobre uma eventual suspensão do Egipto do Movimento em 1981, em Nova Dehli.

**10** Segunda-feira 1920 - É fundado o Partido Comunista da Turquia.

Morre esta madrugada o «ayatollah» Syed Mahmoud Taleghani, de 68 anos de idade e um dos principais adjuntos de Khomeini, defensor da tese de um «socialismo com Alá». Começa em Londres a Conferência Constitucional sobre o Zimbábue-Rodésia, que reúne, além do governo britânico, o governo colaboracionista de Muzorewa e os dois ramos da Frente Patriótica. A Secretaria de Estado norte-americana ordena a «cessação imediata» do auxílio dos EUA ao Império Centro-Africano em consequência dos massacres de estudantes ocorridos naquele país. Um avião de reconhecimento e cinco helicópteros rodesianos violam o espaço aéreo da RP de Moçambique.

**11** Terça-feira 1973 - Golpe fascista no Chile promovido pela CIA e o imperialismo contra o governo legal da Unidade Popular.

A ONU promove conversações entre mais de 70 países com vista à proibição de algumas armas convencionais, nomeadamente as que matam indiscriminadamente. Morre esta madrugada o presidente da República Popular de Angola, camarada Agostinho Neto. Os quatro nacionalistas porto-riquenhos libertados esta semana pela administração Carter juram continuar a luta pela libertação da pátria, nas Caraíbas.

## A CIDADE INTERNACIONAL

# Solidariedade activa

Na grande manifestação de internacionalismo que é, também, a Festa do «Avante!», a Cidade Internacional insere-se não só como um elemento concreto da solidariedade que une as vanguardas operárias dos trabalhadores de todo o mundo, mas também como um quadro vivo, uma amostra condensada dos problemas, dos êxitos, das diversas fases de luta e de construção de uma nova sociedade que se vive nos vários países, nas diversas zonas do mapa político mundial.

Tal como nesse mapa político mundial, estiveram representados entre nós: os países socialistas, em muitos dos quais se constrói hoje a sociedade socialista desenvolvida, ou se lançam mesmo os alicerces do comunismo, como é o caso da União Soviética; o movimento operário dos países capitalistas desenvolvidos, com os seus êxitos e problemas específicos; os povos que se batem hoje ainda contra o fascismo; os países que optaram por uma orientação socialista; movimentos de libertação que, numa luta difícil, conquistam o direito à independência; a real libertação dos seus povos.

Nem todos vieram com stands, o que naturalmente limita as possibilidades da mais ampla divulgação da sua realidade nacional. Mas de todos a presença representou, simultaneamente, uma possibilidade de renovados contactos em benefício do reconhecimento mútuo, e o reconhecimento da importância da revolução portuguesa no panorama internacional, da firme

política internacionalista do PCP. Uma multidão compacta permanentemente «ocupou» armamentos e stands, e de lá trouxe recordações múltiplas, um pequeno objecto ou uma brochura informativa, e alguns conhecimentos novos sobre como se luta e se constrói uma vida melhor nos vários continentes. Traços típicos ressaltam, entretanto, dos vários conjuntos de stands.

### Tudo em nome do homem

No mundo socialista salienta-se a grande tarefa de construção, o objectivo supremo desse labor — a satisfação das necessidades materiais e espirituais do homem — as diferentes etapas dessa construção. Do salto histórico do desenvolvimento nacional que o socialismo facilita, falou-nos este ano, de forma significativa, o stand da Polónia — imensa exposição comemorativa de 35 anos de revolução. No «território» da RDA,

estavam bem vinculados os objectivos centrais do socialismo, pelo acento posto na política social do Estado, abrangendo todas as camadas da população, os velhos e, particularmente, a juventude. O pavilhão do «Pravda» salientava o significado, a importância, da realização dos próximos Jogos Olímpicos na pátria do socialismo. No Vietnam socialista, ressaltam as difíceis condições de construção de uma nova sociedade, sobre um fundo de agressões sem fim, de um desmesurado e permanente esforço de defesa, a dificuldade a obra pacífica de desenvolvimento harmonioso do país.

### Lutas e crise no capitalismo

A crise do capitalismo, nas suas diversas formas e expressões, estava bem patente nos stands da imprensa operária dos países capitalistas. O stand da RFA era um claro exemplo do que é a violação dos direitos do homem pelo mesmo sistema que tanto os apregoa, ilustrando de forma significativa a política de interdições profissionais, não só como um atentado a um direito fundamental — o direito ao trabalho — mas como forma sofisticada de repressão, uma flagrante violação dos mais elementares direitos políticos numa democracia. Impressionantes manifestações de massas contra as vinculadas tendências de direita do governo,

saltavam à vista no pavilhão grego, em que se inscrevia a firme posição dos comunistas da Grécia, contra a integração na CEE, lesiva dos interesses da economia nacional, contra a NATO, que actualmente joga num reforço militar da Grécia como instrumento seu no Mediterrâneo. O stand da Itália era em grande parte a imagem da crise permanente do capitalismo, do beco sem saída em que se debate um sistema que nega na prática os valores que diz defender, vedando o acesso ao poder ao segundo partido mais votado — o PCI. Uma outra forma de sintomática violação das liberdades democráticas, ostensivamente acompanhada de pressões e directas ingerências externas por parte do imperialismo norte-americano.

### As bases do fascismo estão abaladas

Foram várias as presenças de países onde imperam ainda regimes reaccionários e fascistas. Mas onde se sente já o sopro da viragem, pelo claro reforço do movimento revolucionário de massas. A presença do Chile manifestou-se também pela participação na elaboração do painel da solidariedade. O Brasil — onde se abrem visíveis brechas no sistema — esteve presente uma vez mais, mas reflectindo este ano novas realidades, com o acento sobre a necessidade de uma amnistia total, a reforçar a grande

vitória que é já a amnistia obtida, representada significativamente no regresso, hoje finalmente possível, de Carlos Prestes ao país.

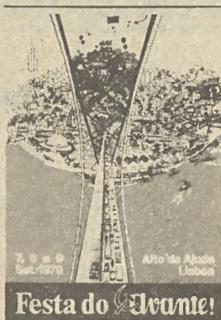
### Novos países apontam para o socialismo

Entre os novos países de orientação socialista, Angola e Moçambique estiveram representados com as suas realizações, o imenso esforço desenvolvido na reconstrução da economia, na solução de problemas básicos como o da saúde e do ensino, sector que esbarra com a tremenda taxa de analfabetismo legada pelo colonialismo e com a existência de diversos dialectos em função das etnias, questão que se prende também à promoção das diferentes culturas nacionais.

Pela primeira vez, uma das mais jovens revoluções do mundo esteve também presente entre nós — a Etiópia, onde hoje se lançam as bases do socialismo e se constrói a vanguarda operária que deverá dirigir um difícil processo revolucionário, com uma pesadíssima herança de miséria e de exploração das riquezas nacionais, e problemas de nacionalidades sabiamente alimentados pelo imperialismo.

### Um panorama significativo

Também entre as delegações estrangeiras presentes pela



primeira vez entre nós, se destacaram a dos camaradas da Turquia, país que um governo social-democrata — através de sucessivas cedências a uma direita claramente rejeitada nas últimas eleições pelo povo turco — conduz pelos caminhos de uma profunda crise, pontuada pela prática de um sistemático terrorismo; e a da Frente Polisário, movimento de libertação do povo saharauí, que hoje enfrenta a ocupação militar marroquina no Sahara Ocidental. No painel de uma parcela significativa da realidade internacional, que foi uma vez mais a Cidade Internacional na Festa do «Avante!», estas novas presenças são também um sintoma da própria «volução» do mundo contemporâneo onde, a par do aprofundamento da crise do capitalismo, ressaia o poderoso ascenso do movimento revolucionário, se consolida a influência objectiva, o poder do atração, do socialismo.



## Delegações estrangeiras

- ANGOLA**
    - Moreno Pereira de Sousa, chefe-adjunto do Departamento de Educação Política, Informação e Propaganda (DEPPI) do Comité Urbano de Luanda do MPLA-PT
    - Ana Maria Chaves, 1.ª oficial da Secção de Campanhas do DEPPI
    - Joaquim Maria Gomes, funcionário do DEPPI
    - Sebastião Soba, funcionário do DEPPI
  - ARGENTINA**
    - Severo Cerro, membro do CC do Partido Comunista Argentino
    - Antónia Trivino
  - BERLIM-OESTE**
    - Ursula Schreiber, vice-chefe da secção de Economia do Partido Socialista Unificado de Berlim-Oeste
  - BULGÁRIA**
    - Tzvetan Nicolov, 1.º vice-chefe do Departamento Internacional do CC do Partido Comunista Búlgaro
    - Nentcho Hranov, chefe do Departamento Internacional da redacção do «Rabotnichsko Dielo», órgão central do PC Búlgaro
  - CHECOSLOVÁQUIA**
    - Bohuslav Fabian, vice-director do «Rude Pravó», órgão central do Partido Comunista da Checoslováquia
    - Miloslav Vitek, membro da redacção do «Rude Pravó»
  - CHILE**
    - Luis Godoy, membro do CC do Partido Comunista do Chile
  - COREIA**
    - Rim Sun Fil, redactor do «Rodong Sinum», órgão central do Partido do Trabalho da Coreia
  - ESPAÑA**
    - Angel Mullor, redactor-chefe da edição semanal do «Mundo Obrero», órgão central do Partido Comunista de Espanha
  - ETIÓPIA**
    - Almaz Dejene, representante do Ministério da Informação da Etiópia
    - Tadesse Haile
  - FINLÂNDIA**
    - Markko Vainio, redactor do «Kansan Uutiset», órgão central do Partido Comunista Finlandês
  - FRANÇA**
    - Laurent Salini, colaborador do chefe de redacção e responsável da rubrica TV/Rádio/Imprensa do «L'Humanité», órgão central do Partido Comunista Francês
  - GRÉCIA**
    - Jorge Tricallinos
  - HOLANDA**
    - Martijn Pruiser, do Instituto Político-Científico do Partido Comunista Holandês
  - HUNGRIA**
    - Istvan Foldes, director-adjunto do «Nepszabadság», órgão central do Partido Socialista Operário Húngaro
    - Nemeth Jenó, da secção de Informação do PSOH
  - ITALIA**
    - Bruno Ferrero, membro do CC e da Comissão Política Externa do Partido Comunista Italiano
    - Bruno Mori, da Federação Provincial de Mantua do PCI
  - JUGOSLÁVIA**
    - Albert Duca, adjunto do redactor-chefe do «Komunist», órgão central da Liga dos Comunistas Jugoslavos
  - MOÇAMBIQUE**
    - João Paulo Mala, deputada da Assembleia Popular da República Popular de Moçambique
    - Luis Filipe dos Santos
  - MONGÓLIA**
    - Tserendagva Dambasturen, subdirector do «Unem», órgão central do Partido Popular Revolucionário da Mongólia
  - PANAMÁ**
    - Miguel Peña, membro do «Bureau» Político do Partido do Povo do Panamá
  - POLÓNIA**
    - Joseph Barecki, membro do CC do POUP, presidente da União dos Jornalistas Polacos e director do «Trybuna Ludu», órgão central do Partido Operário Unificado Polaco
    - Tadeusz Zarewa, da Secção de Imprensa, Rádio e TV do POUP
  - REPÚBLICA ÁRABE SAHARUÍ**
    - All Mohamed, do Comité de Relações Exteriores da Frente Polisário
  - REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ**
    - Sander Drobela, vice-director do «Neues Deutschland», órgão central do Partido Socialista Unificado Alemão
  - REPÚBLICA FEDERAL ALEMÃ**
    - Georg Polkelt, membro do «Bureau» Político do Partido Comunista Alemão e director do «Unsere Zeit», órgão central do PCA (DKP)
    - Gerd Schumann, redactor do «Unsere Zeit»
  - ROMÉNIA**
    - Vasil Oros, redactor do «Scinteia», órgão do Partido Comunista Romeno
  - TURQUIA**
    - 2 representantes do Partido Comunista Turco
  - UNIÃO SOVIÉTICA**
    - Richard Ivanovitch Kosolapov, redactor-chefe do «Komunist», órgão teórico do Partido Comunista da União Soviética e membro suplente do CC do PCUS
    - Grigoriev, chefe de redacção-adjunto do «Pravda», órgão central do PCUS
    - Guennadi Petrov, correspondente do «Pravda» na Sibéria Leste
  - VIETNAME**
    - Tram Van Lam, representante do Partido Comunista do Vietname na Europa Ocidental
  - REVISTA INTERNACIONAL**
    - Ivan Frolov, membro do Secretariado da Revista Internacional
- Estiveram ainda representados na Festa do «Avante!» com «stands» os órgãos centrais do Partido Comunista Brasileiro, do Partido Comunista de Cuba e do Partido Comunista do Japão.



A solidariedade activa com o Vietname foi uma constante e o pavilhão daquele heróico país socialista teve sempre, durante a Festa, a presença de muitos visitantes

## Vietnam socialista presente na Festa

Na noite de domingo, às dez e meia, num auditório completamente cheio, realizou-se um significativo acto de solidariedade para com o povo vietnamita, com a República Socialista do Vietnam.

Na sua intervenção política, o camarada Aurélio Santos, do CC do PCP, destacou o significado da solidariedade para com o povo vietnamita, a já longa tradição de solidariedade do povo português para com o Vietnam.

Na sessão cultural que se lhe seguiu, viveram-se uma vez mais momentos dessa solidariedade, com a leitura, pelos actores Rogério Paulo e Henriqueta Maia, de dois poemas da solidariedade ao Vietnam, escritos antes do 25 de Abril por poetas portugueses, e com a actuação de Barata Moura, que cantou uma canção inédita sobre o Vietnam.

No contacto que posteriormente tivemos com o camarada Tran Van Lam, membro da embaixada vietnamita em Paris

e representante do Vietnam socialista na nossa Festa — este realçou a importância da sessão realizada e mostrou o seu entusiasmo pela Festa do «Avante!», e em particular pelas inequívocas demonstrações de solidariedade para com o Vietnam.

«No recinto da Festa do «Avante!» encontrei uma multidão imensa e entusiasta de homens e de mulheres de todas as idades; nas circunstâncias, já tarde, à meia-noite, correntes ininterruptas de portugueses e portuguesas continuavam a confluir para a Festa. Esta uma prova da popularidade da Festa e do jornal «Avante!», da força de atracção do PCP.

«O espectáculo impressionante das centenas de milhares de portugueses e portuguesas no comício de encerramento a 9 de Setembro, escutando atentamente e aplaudindo espontaneamente a intervenção do secretário-geral do PCP, diz muito sobre a sólida implantação do PCP no seio do

povo, sobre a amor, a simpatia, a confiança que o povo vota ao PCP e à sua direcção com o camarada Alvaro Cunhal à cabeça.

«A Festa do «Avante!» reservou um lugar particular à solidariedade e à amizade com o povo vietnamita. O stand do Vietnam, construído e decorado com amor pelos camaradas e amigos portugueses, estava bem apresentado, tanto sob o ponto de vista político como artístico.

A recepção calorosa do público ao programa artístico de canções e poemas, como forma de solidariedade para com o Vietnam, apresentado no pavilhão de espectáculos, a verdadeira comida para corresponder à campanha de fundos para a construção de uma escola no Vietnam, são particularmente significativos e tocantes. Aliás, a solidariedade militante, a amizade, o amor do povo português pelo povo vietnamita, é visível por todo o lado, nos sorrisos como nos abraços calorosos.

Acaba agora de formar-se o núcleo da unidade sindical que agrupa as grandes organizações de trabalhadores, tendo como base a rejeição do plano laboral de Pinochet e a exigência do restabe-

## Há 6 anos no Chile

Seis anos são passados sobre o golpe fascista, no Chile. Hoje vive-se um momento em que, simultaneamente, se agudiza a repressão, e se verifica um nítido ascenso democrático na América Latina. Também no Chile se desenvolve a luta contra Pinochet, se criam as bases da necessária unidade antifascista. Estes os temas abordados pelo camarada Luis Godoy, membro do CC do PC do Chile, num depoimento que fizemos questão de registar.

No dia 11 de Setembro passaram 6 anos sobre o golpe fascista que liquidou as liberdades no Chile, o Parlamento, a Constituição e estabeleceu um regime de terror ao serviço dos monopólios nacionais e do imperialismo norte-americano. Nesse mesmo dia foi assassinado o presidente Allende, que dirigia o governo revolucionário da Unidade Popular.

A ditadura fascista representou, e representa, fome, perseguições, a destruição da economia do país, mais de 30 000 mortos, campos de concentração, 2 500 desaparecidos, a contra-Reforma Agrária, a entrega das nossas riquezas fundamentais ao imperialismo, às multinacionais, a dissolução dos partidos políticos democráticos e das organizações sindicais, o desemprego — que atinge cerca de 1 milhão de pessoas, numa população activa de 3 milhões e meio — a fome, a desnutrição, a prostituição. Factos que no seu conjunto caracterizam o próprio regime fascista.

Entretanto, ao longo destes anos, o povo chileno não deixou de combater. A Unidade Popular e o Partido Comunista mantêm em pé as suas organizações. Houve greves no carvão e no cobre, acções de resistências dos trabalhadores do aço, na construção, entre os metalúrgicos.

Acaba agora de formar-se o núcleo da unidade sindical que agrupa as grandes organizações de trabalhadores, tendo como base a rejeição do plano laboral de Pinochet e a exigência do restabe-

lecimento das liberdades sindicais e democráticas.

Neste momento estão em curso 8 greves da fome — pelos filhos, alguns ainda crianças, e as mulheres, dos presos desaparecidos. Em todo o mundo se realizam greves da fome de solidariedade com o povo chileno, também com a participação de antifascistas de outros países. Uma grande exigência a que há que corresponder também com o isolamento internacional, nomeadamente diplomático, da ditadura, isolamento que se acentua cada vez mais, agora também pelo boicote ao regime de Pinochet, promovido pelas grandes centrais internacionais de trabalhadores.

A Unidade Popular desenvolve acções conjuntas com a democracia-cristã e outras forças progressistas, democráticas e não fascistas, para ir estruturando a ampla coligação antifascista contra Pinochet, pelo restabelecimento das liberdades democráticas. O Partido Comunista, fiel às suas tradições de luta, mantém a sua organização em todo o país e edita a sua imprensa clandestina, a sua revista teórica — «Principios» — que faz chegar aos chilenos no país e no estrangeiro. Coloca como objectivo o estabelecimento de um governo provisório com a participação de todas as forças democráticas e dos sectores militares democráticos, uma Assembleia Constituinte que elabore um projecto de Constituição que seja votado democraticamente, um governo que aplique um plano económico de emergência para sanear

o domínio económico como político. A presença e a consolidação da Cuba socialista, constitui um estímulo permanente para as lutas dos povos desta zona, o que foi sublinhado com a realização em Havana da cimeira dos não-alinhados, onde está presente uma delegação das forças democráticas do Chile.

a economia do país, restabeleça as liberdades para todos os chilenos, com exclusão dos fascistas, determine o castigo dos torturadores e criminosos conforme o direito e promova relações com todos os países.

Neste momento, outra tarefa é o regresso à pátria de 1 milhão de exilados, do cujo contributo o país precisa urgentemente.

Este mês a Assembleia-Geral das Nações Unidas deverá tomar conhecimento do relatório sobre a violação dos direitos humanos no Chile. Nos últimos meses intensificou-se a repressão: provam-no, o assassinato do dirigente socialista Rojas, e do professor Alvarez, assim como muitas outras prisões. A Assembleia-Geral deverá condenar uma vez mais Pinochet.

O regime de Pinochet não durará muito tempo. A luta do povo do Chile, a solidariedade internacional e o ascenso democrático na América Latina, assim o determinarão. O imperialismo sofreu duras derrotas nesta parte do mundo. A luta do povo nicaraguense derrubou Somoza. Interessantes processos democráticos decorrem em países como a Bolívia ou o Perú. No Brasil esboça-se uma nova situação política. Os países do Pacto Andino firmam-se como uma força que se opõe ao imperialismo tanto no domínio económico como político. A presença e a consolidação da Cuba socialista, constitui um estímulo permanente para as lutas dos povos desta zona, o que foi sublinhado com a realização em Havana da cimeira dos não-alinhados, onde está presente uma delegação das forças democráticas do Chile.

O regime fascista cairá. O povo do Chile vencerá e abrir-se-á de novo as grandes alamedas da liberdade de que falou minutos antes da sua morte o imortal presidente Salvador Allende.

# A morte de Agostinho Neto

A morte do camarada Agostinho Neto, presidente da República Popular de Angola e do MPLA-Partido do Trabalho, golpe doloroso para todas as forças e povos defensores da paz, do progresso e da libertação nacional, mereceu logo que foi conhecida as manifestações mais sentidas de profundo pesar.

O Comité Central do Partido Comunista Português expressou ao Comité Central do MPLA-PT, a todos os seus militantes e ao povo angolano as fraternais condolências e os sentimentos de solidariedade activa dos comunistas portugueses.

Logo após o anúncio oficial da morte do presidente da RPA, a Comissão Política do CC do PCP decidiu, em sinal de luto, por sua vez decretado pelo Governo português a nível nacional, que a bandeira do Partido fosse colocada

a meia haste em todos os seus Centros de Trabalho.

Uma delegação do Secretariado da Comissão Política do CC do PCP, formada pelos camaradas Álvaro Cunhal, Dias Lourenço e Domingos Abrantes, apresentou condolências ao embaixador da RPA em Lisboa, Adriano Sebastião.

Um telegrama pessoal do secretário-geral do PCP, camarada Álvaro Cunhal, dirigido ao CC do MPLA-PT, expressava, entretanto, profunda tristeza pelo desaparecimento do grande e heróico dirigente do povo angolano a cuja libertação dedicou a vida.

A expressão da solidariedade activa e da amizade fraternal é acompanhada no telegrama pela confiança no futuro da RPA na via aberta pela luta e pela independência nacional na senda do progresso e do socialismo.



Querido e acarinhado pelo seu povo, o camarada Agostinho Neto dedicou toda a sua vida à luta pela liberdade, pela independência nacional, pela paz e pelo socialismo



## Algumas datas na luta de um grande dirigente

Desaparece aos 56 anos de idade, depois de uma vida curta mas bem preenchida pelas lutas do seu povo e de todos os povos em luta pela libertação nacional, um dos grandes combatentes contra o colonialismo e o fascismo, que sofreu em Portugal a violência da repressão fascista e conheceu as agruras do cárcere e da deportação junto dos seus irmãos colonizados.

Morre em Moscovo, para onde seguira em tratamento, um dirigente firme e prestigiado dos países africanos da linha da frente, o líder de um

povo, de um partido e de um Estado que é um sólido baluarte nas lutas de libertação dos povos africanos solidários com as lutas e os movimentos de libertação nacional em todo o mundo.

Natural de Kaxikane, pequena povoação do Icolo e Bengo, a uns 60 quilómetros de Luanda, António Agostinho Neto nasceu em 17 de Setembro de 1922. Filho de um pastor protestante que, tal como a esposa, se dedicava ao ensino, o futuro dirigente do MPLA e da luta contra o colonialismo português trabalhou nos Serviços de Saúde em Luanda até embarcar em 1947 para

Portugal onde se formou em Medicina.

Conheceu pela primeira vez o cárcere fascista em Caxias. Preso em 1951 pela PIDE, quando recolhia assinaturas de apoio à Conferência Mundial da Paz, o camarada Agostinho Neto iniciava a sua vida de militante antifascista enfrentando a prisão e as perseguições que fatalmente iam seguir-se e perante as quais não vacilou até à libertação do seu povo.

Representante da juventude das então colónias portuguesas junto do MUD Juvenil, a PIDE prendeu-o pela segunda vez durante

uma reunião de estudantes. Dezoito meses de prisão, depois de mais dez nos cárceres fascistas sem julgamento, foi a pena que lhe aplicaram esses sinistros tribunais de excepção às ordens da PIDE e do salazarismo.

Em Junho de 1957, uma campanha de solidariedade internacional interveio decisivamente na sua libertação. Nela participaram intelectuais e artistas mundialmente conhecidos. Apoiavam não só o militante anticolonialista e antifascista, mas também o poeta Agostinho Neto, já

conhecido, também no campo da poesia, como voz libertadora do seu povo.

Formado em Medicina em 1958 e casado no próprio dia da formatura, o camarada Agostinho Neto voltaria à pátria em 30 de Dezembro de 1959 para dirigir o MPLA e exercer a medicina.

Entretanto reforçada a repressão em Angola, sobretudo depois de 1956, ano do aparecimento do MPLA, e da criação do Movimento (clandestino) Anticolonial (MAC) de que o camarada Neto foi um dos fundadores em 1958, com patriotas das várias colónias

portuguesas, a PIDE procede a prisões em massa. As rusgas policiais são dirigidas contra os nacionalistas. A repressão intensifica-se. Neto é preso no seu consultório, em Luanda, pelo próprio director da PIDE, em 8 de Junho de 1960.

Um protesto popular na povoação onde nasceu o dirigente do MPLA é afogado em sangue. Trinta mortos e duzentos feridos (massacre de Icolo e Bengo) fazem o fascismo temer novas manifestações de protesto e o recrudescer da luta anticolonialista. Neto é transferido para

uma prisão em Lisboa. Daí seguiu depois, sob prisão, para Cabo Verde. Em Santo Antão e Santiago conheceu ainda a deportação nesses últimos anos da década de 50 antes do 4 de Fevereiro - madrugada inesquecível na luta de libertação do povo angolano, dia da sublevação em Luanda a que se seguiu a violenta repressão bem conhecida e o início da luta armada em Angola conduzida pelo MPLA.

Em 17 de Outubro desse ano, 1961, o camarada Agostinho Neto que entretanto fora eleito presidente honorário do MPLA, era transferido pela PIDE para o Aljube em Lisboa. Libertado em 1962, com residência fixa em Portugal, o dirigente angolano, de novo apoiado por uma campanha de solidariedade internacional e pelos antifascistas portugueses saía clandestinamente do nosso país graças a um plano de evasão realizado pelo MPLA.

O camarada Neto passa a conduzir a luta em Kinshasa, sede exterior do Movimento. Em Dezembro de 1962 é eleito presidente do MPLA em Conferência Nacional.

Presidente da República Popular de Angola desde o dia da independência (11 de Novembro de 1976), o camarada Agostinho Neto continuaria à frente da luta do seu povo pela consolidação das conquistas alcançadas e para rechazar a invasão dos racistas sul-africanos apoiados pelos títeres do interior.

Prémio Lênine da Paz em 1977, o líder desaparecido foi agraciado pela União

Soviética com essa elevada condecoração pelos seus esforços para reforçar a paz entre as nações.

### Condolências e pesar em todo o mundo

Entre as manifestações de pesar que a imprensa regista em todo o mundo pela morte do prestigiado dirigente do MPLA-PT e do Estado angolano figuram as dos países socialistas, dos movimentos de libertação, de Portugal, do Brasil, da União Soviética.

Assinada pelos camaradas Brejnev e Kossyguine, em nome do CC do PCUS, do Presidium do Soviete Supremo da URSS, do Governo soviético, dos povos da União Soviética e em seu nome pessoal, uma mensagem manifesta « profundas condolências ao MPLA-PT, ao Conselho Revolucionário, ao Governo da RPA e a todo o povo angolano », pela « grande perda » que representa a morte do camarada Agostinho Neto, « um dos eminentes dirigentes do movimento revolucionário internacional, estadista notável e personalidade política de África, combatente incansável pela paz e amizade entre os povos, um grande amigo da União Soviética ».

A mensagem termina com « a certeza de que os nobres ideais por que lutou o grande filho do povo angolano, Agostinho Neto, serão materializados nas acções dos seus camaradas de armas, na obra criadora dos milhões de trabalhadores angolanos ».

## Solidariedade fraternal dos comunistas portugueses

Logo que, anteontem, foi anunciada oficialmente a morte do camarada Agostinho Neto, o Comité Central do PCP enviou ao Comité Central do MPLA-PT o seguinte telegrama:

Queridos Camaradas,

Ao tomar conhecimento do falecimento do camarada Presidente Agostinho Neto, o Comité Central do PCP expressa ao Comité Central do MPLA-Partido do Trabalho, a todos os militantes do MPLA-PT e ao povo angolano as mais sentidas condolências e os sentimentos de fraternal solidariedade dos comunistas portugueses.

O falecimento do camarada Presidente Agostinho Neto, cuja vida esteve inteiramente dedicada à luta pela liberdade, pela independência nacional, pela paz e pelo socialismo, representa uma grande perda para o povo angolano, para todo o movimento de libertação em África e no Mundo, para a causa da emancipação nacional e social dos povos. Os comunistas portugueses jamais esquecerão a sua grande figura de revolucionário, de patriota internacionalista e a sua grande contribuição para a causa da Amizade e da Solidariedade entre o PCP e o MPLA-PT, entre o povo português e o povo angolano. Nesta hora de luto doloroso para o povo angolano queremos reafirmar-vos, queridos camaradas, os nossos sentimentos de solidariedade militante e a nossa confiança no

futuro independente e socialista da República Popular de Angola.

O Comité Central do Partido Comunista Português

Também o camarada Álvaro Cunhal enviou ao Comité Central do MPLA-PT o telegrama seguinte:

Queridos Camaradas, Foi com profunda tristeza que tomámos conhecimento da morte do camarada Agostinho Neto, eminente lutador do movimento de libertação dos povos, grande e heróico dirigente do povo angolano, à libertação do qual dedicou toda a sua vida.

Expressando as nossas mais sentidas e fraternais condolências ao MPLA-Partido do Trabalho e ao povo angolano, estamos certos de que Angola prosseguirá firmemente pelo caminho radioso da independência nacional, do progresso e do socialismo, indicado pelo querido e saudoso camarada Agostinho Neto. Pela nossa parte, tudo faremos para reforçar a amizade fraternal entre os nossos dois partidos e os nossos dois povos, amizade que se tornou indestrutível, desde os anos de luta comum contra o fascismo e o colonialismo. Nesta hora de dor, queremos confirmar-vos que podéis contar sempre com a nossa activa solidariedade.

Álvaro Cunhal  
Secretário-Geral do PCP



Agostinho Neto e Álvaro Cunhal no seu primeiro encontro no novo Portugal Democrático, libertado da ditadura. Desde os anos de luta comum contra o fascismo e o colonialismo, o PCP e o MPLA-PT sempre estiveram ligados por estreitos laços de amizade e solidariedade